

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM, IDENTIDADE E
SUBJETIVIDADE

LENNON MORAES JOANICO

**IDÍLIO OU PESADELO? A GENEALOGIA DO PODER EM *ADMIRÁVEL*
MUNDO NOVO DE ALDOUS HUXLEY**

PONTA GROSSA
2016

LENNON MORAES JOANICO

**IDÍLIO OU PESADELO? A GENEALOGIA DO PODER *EM ADMIRÁVEL*
MUNDO NOVO DE ALDOUS HUXLEY**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguagem, Identidade e Subjetividade como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Orientador: Prof.º Dr.º Evanir Pavloski

PONTA GROSSA

2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Joanico, Lennon Moraes

J62 Idílio ou pesadelo? a genealogia do
poder Em Admirável Mundo Novo de Aldous
Huxley/ Lennon Moraes Joanico. Ponta
Grossa, 2016.
80f.

Dissertação (Mestrado em Linguagem,
Identidade e Subjetividade - Área de
Concentração: Linguagem, Identidade e
Subjetividade), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Evanir Pavloski.

1.Controle. 2.Poder. 3.Aldous Huxley.
4.Micropoder. I.Pavloski, Evanir. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em Linguagem, Identidade e
Subjetividade. III. T.

CDD: 823.69

LENNON MORAES JOANICO

**IDÍLIO OU PESADELO? A GENEALOGIA DO PODER EM *ADMIRÁVEL*
MUNDO NOVO DE ALDOUS HUXLEY**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa junto ao programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguagem, Identidade e Subjetividade como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 14 de outubro de 2016.

Prof.º Dr. Evanir Pavloski - Orientador
Doutor em Letras (Estudos Literários)
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.º Dr. Daniel de Oliveira Gomes
Doutor em Literatura
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.^a Dr.^a Jaqueline Bohn Donada
Doutora em Letras
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr.^o Evanir Pavloski, pelas preciosas contribuições, bem como pelas conversas inspiradoras.

À Professora Dr.^a Silvana Oliveira, pelas maravilhosas aulas de literatura e pelos fundamentais ensinamentos.

À minha mãe Maria Ap.^a de O. Joanico e meu pai Victor de Oliveira Joanico, pelos cuidados sempre amorosos que fundamentaram minha existência.

À minha tia Thalita Ellen de Oliveira Joanico, pelo seu olhar carinhoso e amor.

Aos meus tios Charles de Oliveira Joanico, Rodrigo de Oliveira Joanico e Victor de Oliveira Joanico Neto, por todos os ensinamentos e pelo amor que sempre tiveram.

Aos amigos não nominados, por toda a importância de suas vidas e pelos aprendizados cultivados.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar de que modo os mecanismos de controle e, portanto, de poder estão agenciados na narrativa utópica *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, bem como evidenciar a importância de tais questões para a compreensão da obra. Para tanto, a discussão valer-se-á de conceitos e reflexões propostas pelo filósofo Michel Foucault, mais precisamente, mas não de maneira exclusiva, na obra *Microfísica do Poder* (2013), na qual o teórico pondera sobre as relações de micropoder, o corpo, a disciplina e o indivíduo como resultante das relações de poder. Desse modo, o estudo problematizará as multiplicidades do controle e poder constitutivos das inter-relações entre o social e o individual, evidenciando os aspectos potencialmente positivos e negativos das configurações de poder na narrativa. Assim, espera-se que as questões que serão aqui elencadas possam contribuir para a ampliação das reflexões relativas à obra de Aldous Huxley, e também, aprofundar discussões concernentes às questões de controle e poder em outras obras literárias.

Palavras-chave: Controle; Poder; Aldous Huxley; Micropoder.

ABSTRACT

This dissertation aims to examine how the control mechanisms and thus power are organized in the utopian narrative *Brave New World*, written by Aldous Huxley, as well as highlight the importance of such issues for the narrative's understanding. For this, the discussion will avail concepts and reflections proposed by philosopher Michel Foucault, specifically, but not exclusively, in *Microphysics of Power* (2013), in which the theoretic ponders about the micro-power relations, the body, discipline and the individual as the result of power relations. Thereby, the study will problematize the multiplicities of control and power constitutive of the interrelations between the social and the individual, showing the potential positive and negative aspects of power settings in the narrative. With this, it is expected that the issues that will be listed here can contribute to the expansion of reflections about Aldous Huxley's work, and also, it can further the discussions concerning to the control and power's issues in other literary works.

Keywords: Control; Power; Aldous Huxley; Micro-power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. CAMINHOS E SAÍDAS PARA O <i>ADMIRÁVEL MUNDO NOVO</i>.....	11
1.1. O DESPERTAR.....	11
1.2. O REGRESSO.....	17
1.3. A SITUAÇÃO.....	22
2. CONSTITUIÇÃO E ESSÊNCIA DA IMAGINAÇÃO UTÓPICA E O SEU REVERSO.....	27
2.1. UTOPIA E DISTOPIA: O LUGAR (IM)PERFEITO.....	29
2.2. DISTOPIA: O AMOR À SERVIDÃO.....	35
3. O PODER E O CONTROLE COMO RIZOMA.....	40
3.1. A SOCIEDADE CAPITALISTA E SEUS ENGENDRAMENTOS.....	46
3.2. INDIVÍDUO E SOCIEDADE: UMA RELAÇÃO DE PODER MÚTUO.....	50
4. COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE.....	54
4.1. A DIVISÃO HIERÁRQUICA DAS CASTAS.....	54
4.2. ORGIÃO-ESPADÃO.....	59
4.3. O SOMA.....	62
5. RUPTURA DO CONTROLE E DO PODER.....	65
5.1. BERNARD E HELMHOLTZ.....	66
5.2. PERSPECTIVAS DE DOIS MUNDOS: LINDA E JOHN, O SELVAGEM..	71
CONSIDERAÇÕES.....	75
REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

A literatura sempre foi um fértil meio de expressões artístico-estéticas, de subjetividades e, também, das questões sociais. Nesse sentido, a relação entre o mundo real e o ficcional permeia toda a história da humanidade, de modo a permitir que as sociedades reflitam sobre as circunstâncias de seu próprio tempo, bem como de outros tempos, constituindo, assim, toda uma herança intelectual.

Apesar de muitas vezes ser delimitada apenas a contextos imediatos, a literatura não é uma mera representação da realidade, isto é, não se pode entendê-la como apenas um relato daquilo que acontece no mundo. Com isso, toda criação ficcional cria para si uma sistemática de relações que são pertinentes aos contextos das obras. Dessa forma, certamente, o que define a qualidade de um texto literário não é a sua relação com a realidade imediata, mas sim sua verossimilhança e coerência internas.

Sobre isso, Wolfgang Iser coloca que:

O texto ficcional adquire sua função não pela comparação ruinosa com a realidade, mas sim pela mediação de uma realidade que se organiza por ela. Por isso a ficção mente quando a julgamos do ponto de vista da realidade dada; mas oferece caminhos de entrada para a realidade que finge, quando a julgamos do ponto de vista de sua função: ou seja, comunicar. (ISER, 2002, p. 105).

Consoante a isso, para que se faça uma leitura que potencialize o texto ficcional, os leitores devem atender a algumas premissas básicas da leitura. Ou seja, é *mister* que exista o *acordo ficcional*¹ do leitor para com o texto, pois sem a compreensão de que a obra literária compreende um universo em si, a interpretação de um livro estaria seriamente comprometida.

No entanto, apesar de a obra ficcional ser um construto imaginário e não uma representação da realidade, pode-se agenciá-la a questões relativas ao nosso mundo empírico, obviamente, no intuito de potencializar os seus sentidos, e não de estancá-los. Assim, a literatura pode fornecer ferramentas

¹ O termo destacado faz referência à utilização do teórico Umberto Eco (1994, p. 81), o qual coloca que coloca que “o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional [...]. O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras”.

de análise e comparação entre as realidades intra e extratextual, ampliando nossas percepções do universo experimental.

Diferentemente da perspectiva sociológica dos teóricos da recepção, os filósofos Deleuze e Guattari expandem a noção das relações possíveis para um livro, elencando que:

Considerado agenciamento, ele está somente em conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos. Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 18).

Ou seja, quando um livro é conectado com outros estratos que não os literários, cria-se um Corpo sem Órgãos, uma vez que é dada outra funcionalidade para o texto. Então, quando, por exemplo, relaciona-se uma obra com questões sociais, com questões relativas ao indivíduo, potencializam-se seus estratos e suas multiplicidades.

Assim, a literatura, apesar de ser um *Outro* do mundo, permite que se reflita sobre ele, sobre as sociedades que o compuseram e o compõem, bem como sobre aquelas que o compõem. Nesse sentido, inúmeros foram os escritores que endossaram tais reflexões, dentre eles, o notável escritor inglês Aldous Huxley.

Huxley nasceu em Goldaming, Inglaterra, em 1894, e faleceu em Los Angeles, Estados Unidos, em 1963. O escritor pertencia a uma família aristocrática que gozava de certo prestígio intelectual, uma vez que seu irmão, Julian Huxley, obteve reconhecimento internacional na área da biologia, enquanto seu avô, Thomas Huxley, já possuía notoriedade no campo da medicina e da zoologia².

Aldous Huxley, por sua vez, destacou-se pela literatura ficcional e pelos textos críticos, através dos quais o discurso científico também foi veiculado. Influenciado ou não pelos seus familiares, é evidente que Huxley muito

² Informações biográficas retiradas do posfácio denominado *O autor e sua obra*, pertencente ao livro *Regresso ao Admirável Mundo Novo* (1959), de Aldous Huxley.

conhecia sobre os campos da biologia, fisiologia, medicina, enfim, sobre diversas áreas da ciência.

As biografias do escritor inglês apontam que sua predisposição pelo saber científico era bastante intensa, no entanto, o sonho de ser cientista interrompe-se devido aos problemas de visão que tivera. Com isso, floresce em Huxley sua propensão à literatura, a qual abarcará, como já mencionado, discussões e reflexões sobre as ciências.

Em uma de suas mais proeminentes obras, *Admirável Mundo Novo* (1932), Aldous Huxley figura uma das mais intrigantes constituições sociais da história da literatura. No referido livro, o escritor inglês constrói uma sociedade totalitarista, na qual a liberdade é totalmente suprimida através de ações condicionantes, sendo a questão do controle uma das principais mantenedoras dessa sociedade ficcional.

Levando isso em consideração, buscar-se-á, neste trabalho, analisar a narrativa *Admirável Mundo Novo*, de modo a sobrelevar e discutir os mecanismos de poder e controle constitutivos dessa sociedade. Não obstante, uma problematização sobre os efeitos do poder será realizada, levando-se em consideração os aspectos potencialmente positivos e negativos resultantes de tais efeitos. Para tanto, serão recuperadas, maiormente, as reflexões dos filósofos Michel Foucault e Zygmunt Bauman.

Nesse sentido, o texto se dividirá em cinco capítulos: no primeiro, serão recuperadas algumas obras de Huxley – tanto críticas como literárias –, a fim de traçar um panorama sobre a produção do escritor; no segundo capítulo, recuperar-se-ão os conceitos de utopia e distopia para problematizar a classificação dada à narrativa; o terceiro capítulo compreenderá a discussão teórica sobre poder e controle com vistas a embasar e aprofundar as reflexões; o quarto capítulo permitirá a análise dos mecanismos de poder e controle no âmbito social; e, finalmente, o último capítulo delineará os mecanismos de poder e controle na perspectiva do indivíduo.

Com isso, ao promover um agenciamento entre Literatura e outras áreas do pensamento, como por exemplo, a Filosofia, a Sociologia e a História, pretender-se-á elucidar questões sobre a composição literária de Aldous Huxley, bem como traçar um paralelo entre o mundo ficcional e a realidade empírica. Assim, espera-se que as questões emergentes aqui possam

potencializar outros pensamentos, e também contribuir para a análise de outras obras que tratem das questões relativas à utopia/distopia.

1. CAMINHOS E SAÍDAS PARA O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Antes de deter-se com maior profundidade na obra *Admirável Mundo Novo*, importante se faz um breve levantamento sobre alguns outros textos de Aldous Huxley, nos quais o autor deixa entrever e, inclusive, recupera discussões – fazendo também explicações – concernentes à narrativa. Desse modo, pretender-se-á delinear possíveis caminhos e saídas para ao romance em questão.

1.1. O DESPERTAR

Primeiramente, cita-se o livro crítico *O Despertar do Mundo Novo* (1937), no qual Huxley perscruta sobre a humanidade, bem como aponta de que modo a sociedade caminhava para um estado de calamidade irremissível. Apesar disso, o escritor, a partir de seus levantamentos e discussões, faz inúmeros apontamentos – e porque não aconselhamentos – para que a humanidade superasse a sua decadência e, assim, se estabelecesse de maneira mais igualitária.

Contudo, a questão que se problematiza é que o autor tem como ponto inicial, de sua reflexão, a constatação de que a humanidade caminhava para um estado cada vez maior de deterioração. Isto é, tratava-se de uma visão distópica sobre os rumos da sociedade. Conflituosamente, ao propor orientações aos problemas, Huxley vincula um tom utópico em seu discurso, uma vez que suas colocações adquirem um teor otimista sobre potencial humano.

Nas palavras do próprio Huxley, o livro se constitui como um compêndio de receitas práticas para reformas que abrangem desde questões iminentes ao ser humano, até considerações relativas às estruturas políticas, econômicas, educativas, etc. Nesse sentido, cada capítulo da obra é dedicado a um tema específico, o qual é debatido e analisado. Dentre as reflexões abrangidas pelo texto estão: *Objetivos, caminhos e ponto de partida contemporâneos*; *Natureza da explicação*; *Eficácia e limitações da reforma social em larga escala*; *Reforma social e a violência*; *A sociedade planejada*; *Natureza do Estado moderno*; *Centralização e descentralização*;

Descentralização e autogoverno; A Guerra; Reforma do trabalho individual; Da Desigualdade; Educação; Práticas religiosas; Crenças; Éticas.

Nos dois primeiros capítulos, têm-se as justificativas para o desenvolvimento das discussões realizadas no livro. Ao tratar, no primeiro capítulo, dos objetivos e caminhos, verifica-se que Huxley acredita haver uma Idade de Ouro para a humanidade, que seria o meio termo entre o mundo atual³ e aquele descrito em *Admirável Mundo Novo*. Logo, o escritor inglês constrói uma utopia como antídoto à distopia. “Utopia é aqui, sinônimo de ideal moral, e utópico é todo aquele que percebe o mal e busca meios de curá-lo.” (SZACHI, 1972, p. 8). Além disso, amplamente retomada durante o texto, há a ideia de que não é possível obter um bom fim, por meios ruins.

O segundo capítulo, apesar de breve, apresenta a grande reflexão de que não se pode reduzir as explicações e a amplidão dos conhecimentos. Nesse sentido, faz-se necessário o entendimento que as problemáticas humanas devem ser estudadas por uma perspectiva múltipla, e não sob uma visão única de universo.

Embasado nisso, no terceiro capítulo, ressaltar-se-á que a reforma social em larga escala pode incutir no homem hábitos extremamente desejáveis. Em outras palavras,

[...] a manipulação em larga escala da ordem social muito pode fazer para preservar os indivíduos das tentações que, antes de as reformas serem feitas, estavam sempre presentes e eram quase irresistíveis. Até aqui, tudo muito bem. Mas não devemos esquecer que as reformas podem libertar o homem de uma série de males, apenas para conduzi-lo a males de uma outra espécie. (HUXLEY, 1975, p. 23).

Ou seja, na visão do autor, a linha entre o verdadeiro progresso e o retrocesso é muito tênue. A reforma social, somada a outras reformas como, por exemplo, a econômica e a política, podem surtir efeitos genuinamente bons. Porém, recorrentemente no mundo, as reformas não são plenamente executadas (ou até mesmo, intencionalmente, mal executadas), fazendo com que as tendências indesejáveis do indivíduo apenas sejam canalizadas de outra maneira.

³ Deve-se levar em consideração que a palavra *atual* faz referência ao momento de escrita do livro.

Aproveitando a discussão sobre a reforma social, Huxley pondera sobre a violência e sua problemática. O escritor acredita que uma revolução não atinge nada ao se utilizar de violência, pois os indivíduos, sujeitos às abomináveis formas de tratamento, soçobram em um ou outro momento. De outra maneira, é muito mais difícil infundir ideias novas numa sociedade sob a constante da violência.

Assim, a sociedade planejada⁴ ideal só poderia ser atingida através de métodos pacíficos de organização, de maneira a excluir totalmente a violência e as suas consequências. Ademais, dentre as várias deliberações sobre o assunto, propõe-se a necessidade de um planejamento coordenado internacional para que, justamente, uma nação não se sobreponha a outra de modo impositivo, mas que juntas possam sustentar um novo modo organizacional mais equitativo e ético.

Através dessas reflexões, chega-se, no sexto capítulo, a uma consideração da natureza do estado moderno, de acordo com a visão de Huxley,

Existem poucos governantes e muitos governados. Os governantes são geralmente conduzidos pelo amor ao poder e ocasionalmente pelo senso de dever perante a sociedade; com mais frequência, porém, e desconcertantemente, são conduzidos por ambos os impulsos, de uma só vez. Estão ligados principalmente ao orgulho, a que associam, com frequência, crueldade e ganância. Os governados, na sua maior parte, tranquilamente aceitam a sua posição subalterna e até mesmo real sofrimento e injustiça. Em certas circunstâncias acontece que deixam de aceitar e então há a revolta. Mas a revolta é uma exceção: a regra geral é a obediência (HUXLEY, 1975, p. 59).

É válido ressaltar que a visão de Huxley, sobre a questão da governança do estado moderno, apresenta-se de maneira limitada. Foucault coloca que a questão da governamentalidade não está limitada a uma simples relação dicotômica entre aqueles que governam e aqueles que são governados. Assim, o filósofo explicita que “O governo é definido como uma maneira correta de dispor as coisas para conduzi-las não ao bem comum, como diziam os textos dos juristas, mas a um objetivo adequado a cada uma das coisas a governar.” (FOUCAULT, 2013, p. 417).

⁴ Tema do quinto capítulo do livro *Despertar do Novo Mundo*.

Fazendo um comparativo com *Admirável Mundo Novo*, verifica-se que a dinâmica entre os governantes e os governados é bem próxima do colocado acima. Todavia, o sofrimento e a injustiça são fatores que os indivíduos dessa sociedade ficcional não conseguem perceber, pois estão todos sob um enorme mecanismo de controle.

A partir disso, os dois capítulos subsequentes tratam, mais detidamente, sobre os modos de governo, bem como propõem algumas alternativas para resolução do problema dos estilos centralizadores de governança. Inicialmente, uma problematização sobre a centralização e descentralização do poder é feita, resultando na consideração de que a descentralização é fundamental para uma sociedade ideal. Isso se justifica pelo fato de que a centralização do poder, seja em mãos de governantes, seja em mãos do proletariado, inevitavelmente levará à tirania.

Sobre isso, Michel Foucault coloca que:

Para poder lutar contra um Estado que não é apenas um governo, é preciso que o movimento revolucionário se atribua o equivalente em termos de forças político-militares, que ele se constitua, portanto, como partido, organizado – interiormente – como um aparelho de Estado, com os mesmos mecanismos de disciplina, as mesmas hierarquias, a mesma organização de poderes. Essa consequência é grave. [...] é preciso minar o aparelho, mas não completamente, já que quando a ditadura do proletariado se estabelecer, a luta de classes não estará, por conseguinte terminada... (FOUCAULT, 2013, p. 239 – 240).

Nessa perspectiva, a descentralização deveria ser combinada ao sistema de autogoverno. Dessa forma, as pessoas deveriam associar-se em pequenos grupos operantes, responsáveis pela administração e organização de suas atividades. Segundo Huxley, o método de autogoverno levaria cada membro do grupo a praticar atitudes responsáveis e éticas, uma vez que a opressão e violência não fariam parte de tal modo organizacional.

Transpassando essas reflexões, no capítulo nove verifica-se uma detida discussão a respeito da guerra. Essencial se faz lembrar que a publicação de *O Despertar do Novo Mundo* precede em dois anos o início oficial da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, é notável a consideração que Huxley faz de

seu contexto e, em certa medida, antecipa o que viria a acontecer, analisando a demasiada preocupação das grandes nações pela corrida armamentista.

O autor aponta como principal causa da guerra o nacionalismo. De acordo com Huxley (1975, p. 96), “Todo nacionalismo é uma religião idólatra, cujo Deus é personificado pelo Estado, representado em muitos casos por reis ou ditadores mais ou menos deificados”. Assim, transformados todos os símbolos do Estado em símbolos dogmáticos, e o povo sob forte condicionamento, ideias como, por exemplo, a da sobreposição de uma nação em relação às outras, parecem bastante plausíveis. No entanto, recuperando uma consideração amplamente reafirmada no texto, dir-se-á que não é possível obter a verdadeira paz através da guerra, ou seja, não se podem justificar os meios pelos fins.

Na continuidade das reflexões, chega-se às reformas do trabalho individual que, por sua vez, só serão alcançadas por políticas da não-violência. Com isso, o sentimento de satisfação pelo trabalho adviria de uma mudança de consciência sobre a importância da labuta. Não mais cegos pela ganância e egoísmo econômicos, os homens e mulheres da sociedade ideal dariam exemplos por suas relações de desprendimento diante das coisas materiais, bem como pela busca do bem comum.

Em *Admirável Mundo Novo*, contudo, os indivíduos amam aquilo que fazem por meio de sistemáticas de manipulação. Em tal sociedade, a satisfação pelo trabalho advém do forte condicionamento pelo qual as castas passavam. O bem comum se traduz pela estabilidade social.

Expandindo o raciocínio e analisando a situação contemporânea, tem-se no capítulo onze a questão da desigualdade. Sobre isso Huxley comenta que:

O mundo em que o homem pobre habita não é o mesmo mundo em que habita um homem rico. Se deve haver uma inteligente cooperação entre todos os membros de uma sociedade, deve haver um acordo quanto às coisas nas quais têm de trabalhar juntos. Pessoas que são forçadas pela desigualdade econômica a habitar em universos dessemelhantes serão incapazes de cooperar inteligentemente (HUXLEY, 1975, p. 156).

Em outras palavras, segundo a reflexão de Huxley, enquanto o dinheiro continuar pautando toda e qualquer ação humana, não haverá como construir uma sociedade íntegra. Aqui, retoma-se a ideia de indivíduos desapegados que

não buscam o enriquecimento próprio, mas sim o enriquecimento de todos de modo mais justo. Contudo, para isso acontecer, os modos contemporâneos de organização social e econômica devem ser modificados quase que por completo, pois não há possibilidade de atingir equidade entre indivíduos através de um sistema que se fundamenta na desigualdade.

Pensando nisso, o capítulo que discorre sobre a educação apresenta-se como uma das grandes soluções para atingir o sistema social ideal. Ou seja, na perspectiva do autor, a educação é capaz de incutir nos seres humanos hábitos desejáveis, tornando-os seres éticos e esclarecidos. No entanto, deve-se saber que mesmo a educação pode funcionar de acordo com parâmetros perversos.

Sobre isso, Huxley argumenta que:

Os dois tipos de educação – educação para a liberdade e a responsabilidade e educação para a opressão e a subordinação – coexistem nas democracias do Ocidente, onde os jardins-de-infância pertencem ao primeiro tipo e muitas outras escolas ao segundo. (HUXLEY, 1975, p. 178).

No mesmo viés, ao tratar das práticas religiosas, o teórico defende a ideia de que elas precisariam induzir o homem ao autoconhecimento. Isso seria o contrário do que se verifica no contexto de produção da obra ou mesmo na contemporaneidade, nos quais nitidamente as religiões pregam o dogmatismo e a crença desmedida. Portanto, ainda recuperando Huxley (1975, p. 220), “Do ponto de vista humanístico, as práticas religiosas têm seu valor desde que forneçam métodos de autodidatismo, métodos que os homens possam usar para transformar seus caracteres e ampliar as suas consciências”.

Ao abordar a questão das crenças, percebe-se uma reflexão que encaminha para a confluência entre a perspectiva científica e material com a espiritual. A crença deve estar desprendida do dogmatismo irracional, levando o homem sempre ao discernimento e à bondade. Dessa maneira, tanto a crença, quanto o cientificismo precisam suscitar nos indivíduos o entendimento de que eles são unidades em convergência com outras unidades e, justamente por isso, fazem parte de um sistema múltiplo e complexo de relações.

Findando o livro, o capítulo quinze direciona, dentre outras coisas, que é fundamental ao homem se livrar de seus vícios e praticar a virtude. Outrossim, destaca-se a ideia de que não existe algo essencialmente positivo ou negativo.

Isto é, tudo o que circunda os seres humanos pode ser tencionado ao bem e ao mal. Com isso, a grande saída para tais problemáticas estaria no desenvolvimento de uma inteligência genuína por parte dos indivíduos de forma que eles cultivassem o desapego, o discernimento, a bondade e a pacificidade.

A partir dessas reflexões, é notável o olhar esperançoso que Huxley sobrepõe à humanidade, espécie de crença no indivíduo. Sendo assim, utópico será aquele “que desconhecer a ideia de um período intermediário, que imaginar uma transformação social que introduza uma quebra na continuidade histórica, como substituição direta de relações más por boas”. (SZACHI, 1972, p. 16).

1.2. O REGRESSO

Em sua obra *Regresso ao Admirável Mundo Novo* (1959), Huxley revisita sua ficção de 1932 numa perspectiva crítica, comentando de que forma a humanidade se encaminharia para a constituição prevista em *Admirável Mundo Novo*. No entanto, o escritor não fica apenas no âmbito das constatações distópicas, ele vai além ao propor diversas soluções e aconselhamentos sobre possíveis direcionamentos que a humanidade deveria seguir para evitar o tão terrível futuro de condicionamentos.

Para tanto, o texto é organizado em doze capítulos, a saber: *Superpopulação*; *Quantidade, qualidade, moralidade*; *Superorganização*; *A propaganda numa sociedade democrática*; *A propaganda sob uma ditadura*; *As artes de vender*; *Lavagem cerebral*; *Persuasão química*; *Persuasão subconsciente*; *Hipnopedia*; *Educação para liberdade*; *O que podemos fazer*.

No primeiro capítulo, delineia-se que a questão da superpopulação levaria à restrição da liberdade e à guerra. Ou seja, na visão do autor, com o crescimento populacional desmedido aumentaria inimaginavelmente a demanda por itens básicos para sobrevivência. Sabendo da impossibilidade de suprir as necessidades mundiais, seria imperioso aumentar os mecanismos de controle sobre as massas. Nas palavras de Huxley (1959, p. 22), “A superpopulação gera insegurança econômica e intranquilidade social.

Intranquilidade e insegurança conduzem a maior controle por parte dos governos e a um aumento de autoridade”.

Na narrativa *Admirável Mundo Novo*, a questão da superpopulação fora superada, uma vez que os governantes delimitaram a reprodução humana por meio da fecundação *in vitro*, isto é, produziam-se humanos conforme as demandas do mercado. Além disso, as massas encontravam-se docilmente submissas às ordens dos governantes, pois a cada indivíduo imperavam inúmeros mecanismos de condicionamento. Dessa maneira, não há conflitos nessa sociedade, ninguém quer lutar pela ascensão particular ou de uma classe social. Todos estão felizes.

Em *Brave New World* as classes sociais estão divididas por uma barreira definitiva e intransponível, criada nos processos gestatórios artificiais e nos anos seguidos de condicionamento e hipnopedia. De tal sorte que ninguém quer pertencer a uma classe diferente da sua, vendo nesta apenas qualidades e nas outras só desvantagens. Os resultados práticos no sentido da paz social são evidentes. (CARVALHO, 2011, p. 112).

Voltando ao *Regresso ao Admirável Mundo Novo*, em *Quantidade, qualidade, moralidade*, tem-se um questionamento moral sobre o declínio intelectual causado pela demasiada reprodução humana. Conforme Huxley, num sistema que se organiza pela desigualdade, é fato que apenas uma pequena parte das pessoas consiga, por exemplo, manter uma dieta alimentar adequada. Nesse sentido, o restante da população viverá de maneira subnutrida, não tendo condições de manter uma vida saudável, inclusive, intelectualmente falando. Assim, a problemática apresentada no primeiro capítulo é retomada, pois com a quantidade populacional crescente e sem recursos, a qualidade biológica regride significativamente.

Tangendo a uma reflexão que afirma que “o homem é um ser moderadamente gregário, e não completamente social” (HUXLEY, 1959, p. 39), o terceiro capítulo critica o modo como a nossa sociedade está superorganizada, fazendo com que as pessoas se transformem em autômatos não pensantes e limitados pelas restrições de suas ações. Não obstante, a organização não é um mal que deve ser veementemente combatido.

A organização é indispensável, pois a liberdade só surge e tem sentido dentro de uma comunidade auto-regulamentada de indivíduos que colaboram livremente. Porém, mesmo que seja indispensável, a organização pode também ser fatal. A organização em excesso transforma em autômatos homens e mulheres, reprime o espírito criador e elimina a própria possibilidade de liberdade. Como sempre, o único caminho seguro está no meio-termo entre o excesso do *laissez-faire*, num dos topos da escala, e o controle total, no outro extremo (HUXLEY, 1959, p. 38-39).

O quarto e quinto capítulos dialogam ao tratarem do tema da propaganda, um delineando considerações sobre a perspectiva da propaganda numa sociedade democrática, o outro sobre a propaganda sob um regime ditatorial. Isto é, Huxley nos coloca diante da reflexão de que a propaganda não é nem boa, nem ruim, mas pode ser utilizada igualmente para ambos os fins.

A propaganda a serviço de atitudes que visem ao interesse próprio esclarecido apela para a razão por meio de argumentos lógicos baseados em provas sólidas, expostas honesta e totalmente. A propaganda a serviço de atitudes inspiradas por impulsos que estão abaixo do interesse próprio apresentam provas inverídicas, falsificadas ou incompletas, evita os argumentos lógicos e procura influenciar suas vítimas pela simples repetição de frases feitas [...] (HUXLEY, 1959, p. 52).

No capítulo *As artes de vender*, desenvolvem-se ainda considerações de bastante relevância sobre o assunto da propaganda, bem como se realça o poder manipulador das mídias. Dessa maneira, estende-se a reflexão de que os propagandistas e vendedores focalizam-se nas ânsias generalizadas das massas, de modo a oferecer enganosamente soluções, felicidades, comodidades, dentre outras coisas. Assim, os discursos criados por tais profissionais precisam alienar, pois com isso a manipulação e abuso se tornam muito mais fáceis de serem praticados.

Num comparativo com a atualidade, pensando especificamente em uma relação entre propaganda e consumo, Bauman colocará que

Toda promessa deve ser enganosa, ou pelo menos exagerada, para que a busca [de realização] continue. Sem a repetida frustração dos desejos, a demanda pelo consumo se esvaziaria rapidamente, e a economia voltada para o consumidor perderia o gás. (BAUMAN, 2009, p. 107).

Através disso, verifica-se que várias das preocupações e reflexões de Huxley ganham ressonância na contemporaneidade. Apesar de a crítica do autor apontar, em alguns momentos, para uma demasiada confiança nas ações humanas, é fato que ele preconiza análises sobre questões pertinentes a momentos históricos futuros.

Em *Lavagem cerebral*, Huxley esquadrinha os meios pelos quais os mecanismos de controle servem aos mais nefastos fins, uma vez que, para serem manipuladas, as pessoas passam por um processo de condicionamento mental que as tornam incapazes de pensar. Segundo o escritor inglês (1959, p. 98), “A lavagem cerebral, tal como é agora praticada, é uma técnica híbrida, em parte dependente, no que se refere à sua eficiência, do emprego metódico da violência, em parte da habilidade de manipulação psicológica.”

Os três capítulos subsequentes do *Retorno ao Admirável Mundo Novo* versam sobre alguns mecanismos de controle, os quais se associam para a derrocada da liberdade do indivíduo. Além disso, é feito um interessante contraponto entre o que acontece no mundo real e em *Admirável Mundo Novo*.

No que se refere à *Persuasão química*, é inegável a enorme evolução pela qual a indústria farmacológica estava passando. Na perspectiva de Huxley, as drogas vigoram de maneira muito atrativa na sociedade moderna, permitindo aos homens e mulheres alívio imediato de suas tensões, medos, melancolias, enfim, de seus sentimentos. Ademais, a ampla divulgação e distribuição dos mais variados fármacos, não só facilita, mas induz intensamente a uma dependência química coletiva. Não obstante, uma sociedade anestesiada e dopada apresenta-se, infinitamente, de forma mais receptiva às ordenações daqueles que buscam controlar.

Na narrativa *Admirável Mundo Novo*, Huxley parte da mesma premissa em relação às drogas. Ou seja, em tal sociedade vigora uma sistemática de dopagem coletiva, fato que resulta na alienação dos indivíduos, tornando-os automatizados.

Neste emaranhado de questões, pode-se citar a *Persuasão subconsciente* que está relacionada aos bombardeios de anúncios que atingem a população direta e indiretamente. Discutindo sobre as implicações na ordem do consciente e do subconsciente de tais bombardeios, Huxley salienta:

Se conseguir deixar suas vítimas num estado excepcionalmente elevado de sugestionabilidade, se puder apresentar-lhes, quando se encontram nesse estado, a coisa, pessoa, ou símbolo daquilo que tem para lhes oferecer, e se, no plano subconsciente, puder associar essa coisa, pessoa ou símbolo a qualquer palavra ou imagem portadora de valor, o propagandista será capaz de modificar os sentimentos ou opiniões das pessoas sem que elas tenham a mínima ideia do que está ocorrendo (HUXLEY, 1959, p. 121).

A *Hipnopedia*, outra ferramenta de controle, diz respeito ao fato de que é possível suggestionar ideias aos indivíduos durante o sono. Em outras palavras, segundo a reflexão de Huxley, pode-se condicionar uma pessoa enquanto ela dorme. “Para o aspirante a ditador, a moral de tudo isso é evidente. Sob condições adequadas, a hipnopedia é eficiente – ao que parece, tão eficiente como a hipnose” (HUXLEY, 1959, p. 133). Nesse sentido, a hipnopedia pode contribuir, significativamente, para que toda uma nação seja bestificada e adestrada de modo efetivo.

Após a apresentação dos capítulos concernentes aos meios de controle, Aldous Huxley propõe algumas saídas para que as sociedades não cheguem ao extremo *Admirável Mundo Novo*. No capítulo onze, tem-se a defesa da ideia de que o homem só se tornará menos sugestionável ao se educar, isto é, a educação e o verdadeiro conhecimento conduzem à liberdade.

Fazendo um paralelo com o pensamento foucaultiano, verificar-se-á que o filósofo não partilha da visão de Huxley sobre a educação. Isto é, para Foucault os saberes são de antemão resultantes das relações de poder, as quais atuam sobre os variados discursos. Nesse sentido, a verdade e o conhecimento são produtos deste mundo e, como tal, reorganizam-se, modificam-se. Foucault (2013, p. 54) elenca que “A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da verdade.” Com isso, a educação e/ou a consideração de uma verdade absoluta podem levar a inúmeras outras condições e não somente à liberdade.

Finalizando a obra, o capítulo *O que podemos fazer?* conduz importantíssimas propostas para a mudança e, ao mesmo tempo, melhora do caminho ensejado pela humanidade. Dentre as considerações apresentadas em tal capítulo destacam-se como necessárias aos indivíduos: diminuir as

taxas de natalidade e aumentar a produção alimentícia; cuidar dos recursos naturais; fazer ressurgir as pequenas comunidades rurais; descentralizar o poder econômico.

1.3. A SITUAÇÃO

Outra importante obra de Aldous Huxley, intitulada *A Situação Humana* (1977), também se apresenta como um compêndio das reflexões do autor. O livro, na verdade, é fruto de conferências ministradas por Huxley em 1959, na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara. Tais conferências foram organizadas, editadas e selecionadas por Piero Ferruci.

Os temas destacados no livro são: *Educação integrada; O homem e seu planeta; Mais natureza na arte; A explosão populacional; Até que ponto o pecado original é original; Guerra e nacionalismo; O futuro do mundo; A vida individual do homem; O problema da natureza humana; O ego; O inconsciente; Linguagem; Arte; O homem e a religião; História natural das visões; Potencialidades humanas latentes.*

Ao tratar da educação, Huxley coloca que não se deve especializar-se em apenas um conhecimento, uma vez que seguir somente um caminho pode ser desastroso. É necessário aos indivíduos serem *pontifex*⁵, ou seja, criadores de pontes. Em outras palavras, o ser humano precisa estabelecer pontes e, portanto, ligações entre os conhecimentos. Além disso, ressalta-se a ideia de que é indispensável encarar o conhecimento com amor e responsabilidade.

Sem o eficiente uso do conhecimento, o homem vem desde sempre destruindo o planeta. Apesar de ser ressaltada, no início do segundo capítulo, a relevância da disseminação das espécies vegetais e animais pelas migrações dos seres humanos, sobrepõe-se a isso a questão da destruição das florestas, dos solos, enfim, do meio ambiente. Isso se justifica, uma vez que os recursos naturais são utilizados em demasia e sem consciência, fato que, segundo o autor, só tende a piorar devido ao crescimento populacional.

Na mesma esteira de reflexões, Huxley apresenta uma alternativa à devastação do ambiente: mais natureza na arte. Somada tal ideia a uma

⁵ Termo retirado do livro.

benevolente filosofia e ética, poder-se-ia modificar o perfil devastador do homem, fazendo-o entender-se como parte intrínseca da natureza. Nesse sentido, o que se propõe é uma retomada da natureza pela arte, de modo que ela resulte em maior sensibilização e harmonia.

Ademais, outro problema que contribui para a escassez dos recursos naturais, diz respeito à explosão populacional. Destaca-se que há duas possibilidades: “[...] deixar o problema ser resolvido pela natureza, da maneira mais pavorosa possível, ou encontrar algum método humano e inteligente de resolvê-lo” (HUXLEY, 1982, p. 66). Tal método, segundo o autor, consistiria em controlar a taxa de natalidade e mortalidade – orientando politicamente a sociedade sobre o assunto –, bem como produzir mais alimentos – distribuindo-os de modo mais igualitário. Como bem se verifica, a questão do controle da população é recorrente no pensamento de Huxley, pois aparece em outras obras, inclusive, na retratada anteriormente.

Mudando um pouco o enfoque, tem-se no capítulo cinco a discussão sobre a particularidade do indivíduo. Numa referência contrária ao pecado original, ideia amplamente difundida pelo cristianismo ortodoxo, elenca-se que o ser humano vem ao mundo com características físicas e psíquicas bastante particulares. No entanto, quando não se respeitam as especificidades de cada pessoa – e com frequência isso é feito –, tende-se a torná-la parte de uma massa única de seres com pouca possibilidade de raciocínio.

A parte seguinte do livro, que trata da guerra e do nacionalismo, possui obviamente um teor muito próximo daquele já ressaltado na discussão sobre *O despertar do mundo novo*. Contudo, ressalta-se que:

É importantíssimo tentarmos combater essa estranha insensibilidade moral e essa indiferença diante da violência em larga escala, que parece ter desabado sobre uma parte tão grande do mundo. Aceitamos como natural e inevitável a destruição de populações inteiras. Aceitamos como inevitável a existência de armas absolutas e do genocídio, como se não houvesse alternativa. (HUXLEY, 1982, p. 91).

Partindo de um contexto histórico – recém-passado por Huxley – de guerras, torna-se clara a preocupação do autor em criar um discurso que condenasse o genocídio. Ele vai além, descreve metodicamente ambas as

perspectivas: com a guerra, o mundo caminharia para a devastação, enquanto que a paz proveria da elevação intelectual humana.

Dando continuidade às problematizações, Huxley apresenta um espectro do mundo futuro. De maneira um tanto quanto pessimista, o escritor é convicto em falar que possivelmente os avanços científicos serão utilizados por uma minoria detentora de poder, fazendo com que a grande massa sujeite-se aos ordenamentos. Além disso, com a escassez de matérias primas, os homens seriam mais incisivamente mandados à guerra.

Retomando o *Admirável Mundo Novo*, perceber-se-á que a ciência é utilizada a favor da máquina estatal, ou seja, o extraordinário avanço científico-tecnológico serve como mecanismo de poder e controle. Conforme Carvalho (2011, p. 116), “apesar de extremamente avançada, a ciência não é livre em *Brave New World*. Tem de ser sempre orientada para os fins desejados pelo Estado.”

No capítulo em que se discute sobre a vida individual do homem, nota-se uma forte crítica com relação à exacerbação que o indivíduo faz de sua própria existência. Isto é, os seres humanos ficam totalmente focados nos acontecimentos particulares de suas vidas, esquecendo do complexo e contínuo engendramento histórico no qual estão inseridos.

Nas conferências *Problema da natureza humana*, *O ego* e *O inconsciente* percebem-se certa continuidade no que se refere ao assunto. Em outras palavras, todos os capítulos abordarão questões relacionadas às ações humanas, isto é, a natureza humana é determinada pelos contextos sociais. Igualmente, poder-se-ia constatar o ego e o inconsciente como funcionalidades sugestionáveis, visto que é possível direcionar os indivíduos tanto para o bem, quanto para o mal.

Nesse momento, importante se faz salientar aquilo que nos ajuda a construir e significar o mundo: a linguagem. De acordo com Huxley, foi graças à linguagem que o ser humano se sobressaiu em relação às outras espécies, obviamente, devido à nossa possibilidade de abstração. Juntamente a isso, verifica-se a relevância da Arte como meio de significação e sensibilização, assunto já comentado nas páginas anteriores. Porém, uma ressalva é feita, ou seja, é essencial direcionar de forma positiva e benevolente as linguagens que

utilizamos para que, cada vez mais, o homem se torne um indivíduo ético e moral.

Para não tornar a análise repetitiva, ressalta-se apenas que os dois antepenúltimos capítulos discorrem, respectivamente, sobre a religião e também sobre a necessidade do indivíduo atingir outra perspectiva da realidade, através de suas visões. Bem próximo do que foi mencionado anteriormente, o autor coloca que a religião não deve ser ao homem um encurtador de sua visão. Ao contrário, a religião precisa incumbir-se de ampliar a inteligência, convergindo, desse modo, com a liberdade.

Nesse sentido, ao discorrer sobre as potencialidades humanas, Aldous Huxley apresenta uma síntese de ações para que tais potencialidades fossem amplamente desenvolvidas. Especifica-se, dentre outras coisas, que os seres humanos devem se conhecer a fundo e compreender o meio em que estão inseridos. Todas as outras potencialidades só podem ser desenvolvidas através do autoconhecimento.

Temos de aprender o que significa sermos o que somos onde o somos. Temos de conhecer o que nos rodeia; temos de saber como reagimos ao que nos rodeia; temos de saber o que acontece dentro de nossos corpos; e temos de ter uma ideia clara do que estamos pensando, sentindo, desejando e querendo. Em outras palavras, precisamos obedecer à velha máxima socrática – já era uma máxima bem velha mesmo no tempo de Sócrates: “Conhece a ti mesmo” (HUXLEY, 1982, p. 244).

A partir desse breve vislumbre das obras críticas de Huxley, nota-se o enorme anseio do escritor para que a humanidade finalmente se constituísse de modo mais justo. O interessante é que o escritor vai além de apenas apontar os problemas fundamentais da natureza humana, percebe-se que sempre ao problematizar alguma questão, Huxley nos apresenta algumas possíveis saídas, algumas soluções.

Como se evidenciará, nos próximos capítulos desta dissertação, é nítido o encontro que os pensamentos elencados acima têm com a ficção *Admirável Mundo Novo*. Trata-se de verificar que a imutável servidão dessa sociedade ficcional resultou de problemáticas muito parecidas com as do mundo empírico: isto é, as guerras, as moléstias, a fome, a ganância pelo poder, etc. Nesse

sentido, Huxley converge forças e reflexões no intuito de evitar chegar-se a um *Admirável Mundo Novo*.

Com isso, verificar-se-á que a aproximação da obra com tais aspectos se justifica, uma vez que eles estão aparentes na trama do livro, dando dinamicidade à narrativa. Desse modo, um estudo mais detido, a nosso ver, apontará para uma abordagem de maior consistência para o entendimento do romance e do pensamento de Aldous Huxley.

2. CONSTITUIÇÃO E ESSÊNCIA DA IMAGINAÇÃO UTÓPICA E O SEU REVERSO

No decorrer da história da humanidade, as frustrações com a realidade imediata sempre se fizeram presentes nas reflexões dos indivíduos. Em resposta a isso, inúmeros foram aqueles que pensaram em superar as problemáticas pertinentes aos seus contextos, propondo, literalmente, a troca total de determinada organização, por uma organização ideal. Tal questão permitiu – e ainda permite – que os indivíduos vislumbassem possibilidades de mudanças.

Dentre os vários anseios dos homens e mulheres verificam-se as preocupações em relação à igualdade de direitos, o respeito e amor ao próximo, a supressão do egocentrismo, etc. Além disso, a referência a lugares, onde as realizações humanas ganhariam plenitude, torna-se bastante frequente nas construções discursivas.

Nesse sentido, Isaiah Berlin ressalta que:

Logo chegaria o dia em que homens e mulheres assumiriam o controle de suas próprias vidas, deixando de se comportar como seres egoístas ou como joguetes de forças cegas que não conseguiam compreender. Pelo menos, não era impossível imaginar que esse paraíso terrestre pudesse existir; e, sendo possível, podíamos, de qualquer maneira, tentar ir ao encontro dele. Isso esteve no cerne do pensamento ético dos gregos aos visionários cristãos da Idade Média, da Renascença ao pensamento progressista do século passado; na verdade, esta continua sendo a crença de muitos ainda hoje. (BERLIN, 1991, p. 18).

Sobre isso, poder-se-ia dizer que a imaginação utópica atua de modo a arquitetar uma sociedade melhor, contrapondo e, por conseguinte, criticando a realidade empírica na qual os indivíduos se encontram. Em outras palavras, coloca-se que:

Não há utopia sem ideal, mas a configuração de uma utopia requer a nosso ver uma posição definida do ideal em relação à realidade. A utopia estabelece uma relação de oposição, de não interpretação, de rompimento de continuidade. Não é utopista todo aquele que pensa em transformar a realidade. É utopista quem deseja substituir uma realidade absolutamente má por outra absolutamente boa. (SZACHI, 1972, p. 14).

Nesse sentido, servindo como ferramenta de reflexão, a imaginação utópica permite um posicionamento crítico a respeito das relações humanas. Assim, as proposições dos utopistas se constroem de modo a romper com os sistemas organizacionais de suas épocas. Diante das mazelas instituídas nos campos político e social, verificar-se-á o pensamento utópico como propulsor das revoluções históricas. A partir dessa perspectiva, de acordo com Mannheim (1960, p. 173 apud CARVALHO, 2011, p. 60), “Somente chamaremos utópicas as orientações que transcendam a realidade quando, influenciando no comportamento, tendam a destruir, no todo ou em parte a ordem de coisas existente numa determinada época.”

Portanto, poder-se-ia dizer que a utopia está relacionada a uma corrente de pensamento crítico que se constrói como uma idealização de determinado aspecto da realidade empírica que deve ser superado. De acordo com Evanir Pavloski (2014, p. 33), “a utopia é, antes de tudo, um posicionamento crítico diante da realidade, o qual pode ou não vir a traduzir-se em obra filosófica, sociológica ou literária”.

No entanto, conforme ressalta Isaiah Berlin, a criação utópica é, também, resultante de uma visão bastante particular, isto é, ela é fruto da imaginação individual que busca a universalização, trata-se de uma noção específica de sociedade ideal como resposta para os anseios de toda a coletividade. Advém disso, o caráter autocrático e controlador das construções utópicas.

Partindo de tal consideração, sobressalta-se que a exigência utópica, recorrentemente, limita o exercício da liberdade. E por liberdade, entende-se o exercício do livre-arbítrio numa perspectiva individual, de poder fazer aquilo que se quer, no momento em que se quer. Em outras palavras, a liberdade total levaria à dissonância entre as ações dos indivíduos e, portanto, ao caos social. Como a criação utópica aspira pela funcionalidade e estabilidade da sociedade, as pessoas precisariam de direcionamentos estratégicos para que o bem comum se perpetuasse.

Com isso, pautados em premissas similares ao utopismo, alguns autores denunciarão as problemáticas da criação utópica. Numa crítica à limitação da liberdade, à homogeneização dos indivíduos, ao controle absoluto, relativizar-

se-ão as idealizações das sociedades perfeitas. Surgirão aí, as nominadas distopias.

Nesse sentido, a distopia surge como o reverso da utopia, visto que denunciará o caráter insustentável (insuportável) das idealizações utópicas. Em outros termos, a distopia se caracterizará por evidenciar o quão autoritário, radical e homegeneizador é o discurso utópico.

Assim, sendo produzidas mais intensamente na modernidade, as distopias se valerão de variadas problematizações sobre o mundo real. A esse respeito, poder-se-ia citar, por exemplo, a tratativa dada aos avanços científico-tecnológicos, os quais ganharam diversas contextualizações.

Conforme Carvalho,

A nova visão da história assim gerada, em que se salientaram os aspectos negativos no envolver da ciência, produziu tremendo impacto na literatura contemporânea. Um dos efeitos desse impacto foi o incremento e exacerbação de um gênero literário que despontara no século passado: a distopia (...). (CARVALHO, 2011, p. 59).

É nesse contexto que Huxley arquitetará a sua narrativa distópica *Admirável Mundo Novo*. Essa sociedade configura-se de maneira bastante estável e os indivíduos estão perpetuamente condenados à felicidade, visto que o livre-arbítrio fora completamente extinto. Todavia, em tal sociedade as doenças, as misérias, os conflitos, dentre outras coisas vis, são eliminados. Dessarte, o questionamento surge: até que ponto os seres humanos estão propensos a abdicar de suas liberdades em virtude de uma sociedade “perfeita”?

2.1. UTOPIA E DISTOPIA: O LUGAR (IM)PERFEITO

Três formosos outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na formosa Ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva

A sonora linfa fugitiva.
(CAMÕES, 2009, p. 266)

A referência a lugares sublimes, os quais eram inigualavelmente melhores (nos mais diversos aspectos), em relação aos padrões sociais reais, sempre permeou inúmeras obras da literatura. Na citação transposta acima, tem-se o início da descrição da *Ilha dos Amores*⁶, lugar onde os portugueses são recompensados pelos seus feitos heróicos no épico *Os Lusíadas*.

No texto de Camões, verifica-se que tal ilha constitui-se como meio para a relação entre deuses e humanos. Ou melhor, justamente pelo contato privilegiado, os portugueses se elevam ao patamar de semideuses, em outras palavras, seres superiores e de origem louvável. Nesse sentido, é notável a importância dessa passagem para a progressão semântica da obra. Isto é, a ilha apresenta-se como um paraíso no qual os lusitanos são permitidos a adentrar e a regozijar-se na companhia das ninfas.

Diante disso, poder-se-ia dizer que o espaço referenciado no Canto IX, apresenta-se como um lugar utópico. Conforme salienta Jerzy Szachi,

As utopias mais clássicas, ou, em outras palavras, as criações que com mais frequência têm sido qualificadas como utópicas, são as utopias de espaço – descrições de algum lugar feliz, algum cenário fantástico. Ilhas em mares distantes, a lua, os planetas, o mundo subterrâneo, países sustentados no ar como balões, um canto ignorado do mundo; a imaginação dos escritores parece ser ilimitada. A própria etimologia da palavra indica um lugar (*topos*) que não existe. (SZACHI, 1972, p. 29).

Obviamente, *Os Lusíadas* não se configuram como uma obra utópica, visto que o texto propõe-se a contar a honrosa história do povo português. No entanto, a *Ilha dos Amores* compreende um cenário fantástico, um lugar extraordinário e, portanto, utópico, que os lusitanos, do texto épico de Camões, tiveram o privilégio de conhecer.

As utopias de espaço vão compor, na história da literatura, grandes exemplos de descrições de lugares ideais. Em outras palavras, os escritores darão conta de caracterizar sociedades igualitárias, organizações políticas

⁶ A descrição mencionada encontra-se no Canto IX de *Os Lusíadas* (1524? – 1580), de Luís Vaz de Camões.

funcionais, perspectivas justas de produção e de consumo, enfim, uma multiplicidade de proposições para uma vida plena.

Sem cair em um anacronismo⁷, verificar-se-á que *A República* (século IV a.C.), de Platão, é, possivelmente, o primeiro tratado organizado sobre a concepção de uma sociedade ideal, logo, utópica. O projeto platônico é de ordem filosófica, não literária, contudo, o filósofo grego explicitará de maneira detalhada toda a organização e funcionamento de sua cidade perfeita.

Diremos que não seria nada para admirar se estes homens fossem muito felizes deste modo, nem de resto tínhamos fundado a cidade com o fito de que esta raça, apenas fosse especialmente feliz, mas que o fosse, tanto quanto possível, a cidade inteira. Supúnhamos, na verdade, que seria numa cidade desta espécie que se encontraria mais justiça, e na mais mal organizada que, inversamente, se acharia a injustiça; observando-as, determinaríamos o que há muito estamos a procurar. Ora, presentemente estamos a modelar, segundo cremos, a cidade feliz, não tomando a parte um pequeno número, para os elevar a esse estado, mas a cidade inteira. (PLATÃO, 2000, p. 112).

Na problematização de Platão, expõe-se através das falas de Sócrates a defesa de uma sociedade apoiada no conceito de justiça. Como colocado na citação acima, a cidade feliz pressupõe o bem-estar de todos os indivíduos, ou seja, não basta apenas uma parcela de pessoas estarem confortáveis, mas a plenitude dos sujeitos deve advir da integralidade funcional da comuna.

Consoante a isso, Teixeira Coelho evidencia que:

a justiça na República seria uma justiça outra, não a fria mecânica quantitativa dos códigos burocráticos, mas algo derivado do sentimento moral interior. Na Atenas ideal, ninguém praticaria o bem (ou melhor: deixaria de praticar o mal) apenas porque assim não seria punido pela lei, mas porque teria a convicção íntima de que sua própria e plena realização somente poderia ser obtida quando os outros também a conseguissem. (COELHO, 1985, p. 25).

Ademais, ressalta-se que na sociedade platônica todos teriam as mesmas possibilidades, no entanto, os mais aptos seriam encarregados das atividades que exigissem maiores responsabilidades. Com isso, há a divisão em três classes: o governante – que seria o filósofo; os auxiliares – que

⁷ O termo Utopia será utilizado, propriamente dito, pela primeira vez, no século XVI d. C., na obra *Utopia* (1516), de Thomas More.

ajudariam no controle da população e na guerra, exercendo a função militar; e, por fim, a grande população – ou seja, todos os indivíduos não pertencentes às duas primeiras classes.

Portanto, o princípio essencial da República é que cada um deve permanecer no seu lugar e cumprir a missão para que nasceu. É este o princípio que rege todas as outras virtudes, que mantém o governante no seu posto de vanguarda, o soldado na luta, o sapateiro na sovela. Como mercenário, auxiliar ou guarda, se cada um ocupar o seu posto e cumprir o seu dever, a justiça está realizada na cidade. (FERREIRA, 2001, p. 20).

Nesse sentido, poder-se-ia dizer que tal sociedade compõe-se aristocraticamente, uma vez que os governantes são escolhidos e não eleitos. Além disso, é bastante forte a ideia da submissão das pessoas perante aos administradores, ou seja, cada um deveria ocupar-se apenas de suas obrigações particulares, deixando a cargo do filósofo e seus auxiliares os rumos para os quais a cidade se direcionaria. Tais questões são comumente apontadas como pontos negativos da sociedade platônica.

Ao recuperar a ideia do conceito utópico entre as sociedades históricas, Coelho, a respeito da origem do termo utopia, observa que:

ainda que esta palavra, senão este conceito, tenha sido proposta apenas no século XVI, quando um inglês, Thomas More, faz publicar em latim, em 1516, um livro onde se relata a vida melhor levada pelos habitantes de uma ilha situada em algum lugar, a ilha de Utopia, de *ou-topos*, o não-lugar, lugar nenhum, nenhures. Não deixa aliás de ser curioso, e de ter um certo sabor amargo, que a designação daquela vontade de uma vida melhor, que sempre esteve e está espalhada por toda parte, acabasse fazendo referência exatamente a parte alguma, a lugar algum. (COELHO, 1985, p. 16).

Assim, como verificado, o conceito de utopia já fazia parte das objetivações humanas. Porém, o termo utopia surge apenas no século XVI, com a publicação de Thomas More. Tal obra, de acordo com a passagem acima, faz alusão a uma ilha chamada *Utopia*, na qual se tem a construção de um espaço idealizado, perfeito.

A etimologia do termo recupera o lugar nenhum, o qual, na narrativa de More, referencia-se como uma homenagem a Utopus:

Utopus, o conquistador que lhe deu o nome (antigamente chamava-se Abraxa) e que fez desta população grosseira e selvagem uma nação que supera quase todas as outras pela cultura e civilização, logo depois do seu desembarque vitorioso e da conquista da terra, mandou abrir um canal de quinze milhas onde a terra se unia ao continente. Assim, o mar cercou-a por todos os lados. (MORE, 2004, p. 48).

A sociedade da ilha de *Utopia* é caracterizada por um sistema igualitário, isto é, todas as pessoas produziam os itens dos quais necessitavam, desde alimentos, até roupas. As casas eram habitadas de forma rotativa, havendo uma troca de casas a cada determinado espaço de tempo. Em termos políticos, os grupos de famílias elegiam um representante – geralmente, a pessoa mais velha –, o qual ficava encarregado de controlar o ócio. Finalmente, todos os utopianos aprendiam sobre a agricultura desde pequenos, embora pudessem aprender outros ofícios.

Nesse sentido, para melhor entender as implicações da obra de More, importante se faz retomar algumas considerações de Szachi. Segundo o teórico, podem-se classificar as figurações utópicas em: utopia de lugar – corresponde à idealização da perspectiva de um lugar melhor; utopia de tempo – aquela que faz referência a uma idade de ouro já passada, ou ainda, a um tempo porvir; utopia de ordem eterna – aquelas erigidas a partir de questões metafísicas, filosóficas, racionalistas, etc.; utopia monástica – ideia de monastério, ou seja, sociedades isoladas, afastas do suposto caos das sociedades constituídas; utopia política – aplicação prática do pensamento utópico na vida em sociedade; e, finalmente, a utopia negativa – aquela que ao invés de provocar desejo, provoca repulsa.

Todavia, é relevante salientar que a classificação de Szachi não deve ser entendida como compartimentalizadora, isto é, as obras utópicas não compreendem apenas um tipo de utopia. Geralmente, encontrar-se-á nelas a conjunção de idealizações de lugares, de tempos passados ou de futuros. Portanto, dentro de um mesmo livro, é possível reconhecer mais de um gênero utópico.

Tal questão verifica-se, por exemplo, nas disposições de Platão e More. Em *A República* tem-se a idealização de lugar, uma vez que a cidade descrita estaria localizada no interior, “longe do mar e das possibilidades de contato

com culturas ‘degeneradas’ (COELHO, 1985, p. 21). Além disso, é notável a configuração de uma utopia política, pois o filósofo descreve de modo detalhado a organização de sua sociedade perfeita, bem como produz uma espécie de tratado sobre a justiça. Contudo, poder-se-ia especificar que o aspecto negativo dessa sociedade, como já colocado anteriormente, estaria no fato de a grande população não ter direito a escolha de seus representantes.

No que diz respeito à *Utopia*, de Thomas More, é possível também discorrer sobre tipos de utopia. A localização da sociedade é incerta, sendo apenas informado que se trata de uma ilha, caracterizando uma noção de isolamento. Sobre a perspectiva política, constata-se uma diferenciação em relação à obra *A República*, “em Utopia há eleições (uma aspiração da época), ainda que indiretas, com o povo elegendo um nível de administradores que entre si elegem outros, os quais, por sua vez, indicam o governante máximo.” (COELHO, 1985, p. 28). Em contrapartida, apontam-se como problemáticas, na obra de More, questões como a subordinação das mulheres para com os homens, a existência de escravos, dentre outras particularidades.

Poderia objetar-se à distinção feita entre utopia e distopia o fato de que a existência humana não seria também, provavelmente, feliz na utopia. Como diz Bertrand Russell, “é preciso admitir... que a vida na Utopia de More, como na maior parte das outras, seria intoleravelmente monótona. A diversidade é essencial à vida feliz, e na Utopia ela quase não existe. Este é um defeito de quase todos os sistemas sociais planejados, tanto imaginários como reais.” Deve-se considerar, entretanto, que nas distopias há males mais graves que a mera monotonia. Além disso, justifica a divisão feita a intenção do autor, a qual transparece inevitavelmente na obra, de criar uma sociedade que seria idealmente feliz, ou de descrever condições de vida a seu ver intoleráveis. (CARVALHO, 2011, p. 64)

Assim, as utopias negativas, ou facetas distópicas poderão ser verificadas em várias produções no decorrer da história da literatura. No entanto, serão nas produções do século XX que se verificará de modo mais profundo a criação de sociedades totalmente controladas, contendo o ensejo daquilo que é insuportável. Duas das grandes obras que se destacam nessa perspectiva são *1984* (1949), de George Orwell, e *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley.

2.2. DISTOPIA: O AMOR À SERVIDÃO

Na obra de Orwell tem-se a descrição de uma sociedade na qual o socialismo foi levado ao extremo, uma vez que há um partido totalitarista, controlador e manipulador. Aos sujeitos de 1984, a liberdade fora usurpada de tal modo que todas as pessoas fiscalizavam umas às outras, buscando denunciar aqueles que fugiam às regras.

No contexto da narrativa, o mundo está dividido em três grandes potências: Oceania, Eurásia e Lestásia. Importante se faz ressaltar que elas estavam em estado de guerra permanente, havendo alternância do inimigo. Ou seja, ora a Oceania estava em guerra com a Lestásia e era aliada da Eurásia, ora em guerra com a Eurásia e em paz com a Lestásia.

Concomitantemente a isso, variados métodos de controle são utilizados na Oceania – espaço onde se desenvolve a narrativa. Constituindo-se sob um regime totalitário, a sociedade retratada articula-se, por exemplo, pelo racionamento de alimentos, questão que mantém toda população subnutrida. Além disso, poder-se-ia citar as atividades coletivas nas quais os indivíduos eram manipulados e condicionados pelo Estado.

É através do olhar de Winston, protagonista da narrativa de Orwell, que o Partido do Grande Irmão é apresentado ao leitor, como se pode verificar abaixo:

A frase, pensou, quase poderia ter sido copiada de um dos manuais do Partido. É claro que o Partido se vangloriava de ter libertado os proletas da escravidão. Antes da Revolução eles eram oprimidos de maneira revoltante pelos capitalistas. Passavam fome, eram açoitados, as mulheres eram obrigadas a trabalhar nas minas de carvão (para falar a verdade, as mulheres continuavam trabalhando nas minas de carvão), as crianças vendidas para as fábricas a partir dos seis anos de idade. Mas, ao mesmo tempo, fiel aos princípios do duplipensamento, o Partido ensinava que os proletas eram inferiores naturais que deviam ser mantidos dominados, como os animais, mediante a aplicação de umas poucas regras simples. (ORWELL, 2009, p. 90).

Possuindo uma superestrutura para a coerção, bem como detendo o controle de todos os meios midiáticos, o Partido de 1984 conseguia manipular a história e, portanto, a verdade. A opressão do capitalismo cedeu espaço à opressão de uma ditadura totalitarista de base comunista. Além disso, é

notável o movimento do governo do Grande Irmão para a construção de um novo tipo de linguagem – Novafala –, o qual reduziria significativamente o poder de pensamento dos indivíduos.

Em outras palavras, a criação de uma língua que esterilizasse o poder de reflexão das pessoas comporia uma proposição perfeita de controle, visto que os sujeitos aceitariam felizmente as suas servidões. Em *Limites da utopia: Capítulos da história das ideias*, Isaiah Berlin ressalta que são “Felizes os que vivem sob disciplina que aceitam sem questionar, que obedecem espontaneamente às ordens de seus líderes, espirituais ou temporais, cuja palavra aceitam como lei infrangível” (BERLIN, 1991, p. 23).

De mesmo modo, é possível notar o agenciamento, em *Admirável Mundo Novo*, de inúmeros métodos de condicionamento. Nessa constituição social, os indivíduos estão irracionalmente subordinados a amar aquilo que fazem, independentemente, do que seja. Trata-se de uma mudança mais profunda do ser humano, visto que ela parte de questões biológicas, sendo complementada por anos de manipulação psicológica.

Na distopia de Huxley, o mundo está subdividido em dez regiões constituintes do Estado Mundial. O lugar que ganha enfoque na obra é uma Nova Londres temporalmente situada no ano de 632 d.F. – depois de Ford –, era na qual o mundo havia aparentemente atingido a sua estabilidade. A delimitação temporal, por sua vez, é uma referência à criação da linha de produção em série de Henry Ford, contudo, em *Admirável Mundo Novo*, não se trata mais da produção de automóveis, mas sim de seres humanos.

Aldous Huxley tested the idea of utopia more thoroughly than any other literary man of our day. *Brave New World* is utopia in caricature, a satire on the idea of utopia and our distortions of it. It is the classic warning of the abyss that lies at the end of our simplistic search for happiness⁸. (ELLIOTT, 1970, p. 146 – 147).

Pensando no contexto de recepção da obra, verifica-se que ela foi produzida e publicada no período precedente à Segunda Guerra Mundial. A Europa ainda se recuperava dos danos provenientes da Primeira Guerra

⁸ Tradução livre: Aldous Huxley testou a ideia de utopia mais profundamente do que qualquer outro homem de letras do nosso tempo. *Admirável Mundo Novo* é uma utopia em caricatura, uma sátira sobre a ideia de utopia e sobre as nossas distorções dela. É o aviso clássico do abismo que se encontra no final da nossa simplista busca pela felicidade.

Mundial e era notável uma corrida armamentista, como possível prelúdio de um novo conflito. Nesse sentido, tornava-se difícil manter uma perspectiva positiva diante daqueles fatos.

Através de sua sensibilidade crítica, poder-se-ia dizer que Aldous Huxley prevê, em sua obra, várias questões que assombrariam a humanidade nas décadas posteriores. Trata-se, também, como elencado na citação acima, de uma denúncia da busca simplista pela felicidade. Ou seja, o escritor já anunciava a venda e, logo, o consumo de uma felicidade forjada, caracterizando o alienamento de uma sociedade em prol do controle.

Em uma das passagens de *Admirável Mundo Novo*, na qual o Diretor de Incubação e Condicionamento de Londres Central explicava, aos ávidos estudantes, questões concernentes aos processos de produção e condicionamento, nota-se uma referência nítida ao consumismo. Tratava-se, portanto, de uma sociedade na qual o capitalismo fora levado às suas últimas consequências, como se confirma na transcrição abaixo:

As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. O amor a natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, pelo menos nas classes baixas; abolir o amor à natureza, mas *não* a tendência a consumir transporte. Pois era essencial, evidentemente, que continuassem a ir ao campo, mesmo tendo-lhe horror. O problema era encontrar uma razão economicamente melhor para o consumo de transporte do que a simples afeição às flores silvestres e às paisagens. (HUXLEY, 2001, p. 55).

O consumo configura-se na obra como uma das peças-chave à estabilidade social. Não muito diferente do que ocorre na atualidade, em *Admirável Mundo Novo* a população é intensamente condicionada a consumir, de modo que não haja quebras nos ciclos de vendas e compras de serviços. Contudo, para que isso ocorra é necessária a supressão da liberdade, ou melhor, os indivíduos precisam louvar suas escravidões.

No mundo novo temido por Huxley, o indivíduo está condenado desde a infância. Habitado a não pensar por conta própria, a sempre seguir seu líder, esse indivíduo sem livre arbítrio e sem consciência revela-se perfeitamente adaptado a suas funções (“cada um ocupa-se de suas coisas”) e sente-se, assim, “feliz”. É um indivíduo programado, mas está errado dizer que o é desde

a infância: está programado *desde a concepção*, já que é um bebê de proveta. (COELHO, 1985, p. 44).

Verifica-se, pois, que o livro figura o pesadelo de uma sociedade “perfeita”, alcançada através de sistemáticos métodos “tais como o condicionamento pré-natal, o ensino durante o sono e a euforia provocada por drogas” (Huxley, 1959, p. 45). Tudo isso configurará a sorradeira e negativa atmosfera de uma das construções textuais mais angustiantes da história da literatura utópica.

Nas utopias positivas contrasta-se a sociedade ideal, concebida mais ou menos em detalhe, com a sociedade má que é apreendida em geral em termos bastantes sumários; com as utopias negativas é o inverso que ocorre. Em ambos os casos o objeto de descrição é uma totalidade absolutamente homogênea: totalmente boa ou totalmente má. O utopista positivo produz uma sociedade livre de todo mal; o utopista negativo produz uma sociedade totalmente má. (SZACHI, 1972, p. 119).

É válido ressaltar que tanto a distopia de Orwell quanto a de Huxley apontam para a derrocada de um tipo de pensamento que, por sua vez, não podia mais ser sustentado. Tal pensamento advinha das considerações de Hegel e Marx, os quais, mesmo admitindo os conflitos, as barbáries e as lutas, acreditavam que elas eram caminhos para se chegar à resolução final dos conflitos da humanidade.

Com o declínio dessa filosofia, o conceito de sociedade perfeita, que deriva dessa grande visão unitária, perde seu poder de persuasão. Desde então, os que crêem na possibilidade da perfeição social tendem a ser acusados por seus oponentes de tentarem impingir uma ordem artificial a uma humanidade relutante, de tentarem inserir, como se fossem tijolos, os seres humanos em uma estrutura preconcebida, de forçá-los em um leito de Procusto e de dissecá-los na busca de um esquema sustentado com fanatismo. Daí o protesto – e as antiutopias – de Aldous Huxley, Orwell ou Zamyatin (na Rússia do início da década de 1920), que pintam um quadro horripilante de uma sociedade sem atritos em que as diferenças entre os seres humanos são, tanto quanto possível, eliminadas, ou pelo menos reduzidas, e o padrão multicolorido dos vários temperamentos, inclinações e ideais humanos – em suma, o próprio fluxo da vida – é brutalmente reduzido à uniformidade, aprisionado em uma camisa-de-força social e política que fere e estrofia, terminando por esmagar

os homens em nome de uma teoria monística, do sonho de uma ordem perfeita e estática. (BERLIN, 1991, p. 48 – 49).

Assim, poder-se-ia dizer que o *Admirável Mundo Novo* constitui-se como uma distopia capitalista. Trata-se de uma sociedade na qual não há o direito de escolha, não há individualidade. Onde todo e qualquer movimento é metodologicamente pensado com vistas a um consumo mantenedor de uma estéril estabilidade. É a lei da oferta e da procura aplicada ao seres humanos. “Nos berçários, a lição de Consciência de Classe Elementar havia terminado; as vozes adaptavam a futura procura à futura oferta industrial: ‘Como eu adoro andar de avião [...]’ (HUXLEY, 2001, p. 83).

3. O PODER E O CONTROLE COMO RIZOMA

A palavra poder sempre foi depositária de variadas definições e tratativas no decorrer da história do pensamento. Ela já foi correlata de algo que se devesse extinguir, algo pertencente a alguém, a uma classe, ou a um Estado, bem como já fora a ela atribuído um caráter de algo a se conquistar, dentre outras coisas. Diante disso, como então entender o poder? Qual a significância de seu entendimento em relação ao ser humano?

Nos discursos referentes às situações de dominação nas quais duas ou mais instâncias se contrapunham, o poder, visto pela perspectiva dos que o não “possuíam”, colocava-se como algo a ser dissipado, extirpado das relações. Nota-se que, nesse contexto, o poder é uma força negativa que emana da posição privilegiada do dominante, sujeitando o dominado a todo tipo de sorte.

Em outra situação, o poder como conquista pairou e ainda paira no imaginário comum das sociedades antigas até as pós-modernas. Isto é, a ideia de se ocupar, por exemplo, a posição de um monarca, de um político, de alguém com bastante influência na sociedade, ou mesmo de um cargo estratégico dentro de uma empresa, instiga ambições com diferentes características.

Consoante a isso, Zygmunt Bauman coloca que:

A estratégia na luta pelo poder é fazer de si mesmo a variável desconhecida nos cálculos das outras pessoas, ao mesmo tempo que se nega um papel similar a esses outros em seus próprios cálculos. Em palavras mais simples, isso significa que a dominação é conseguida ao remover as regras que impediam nossa própria liberdade de escolha, enquanto se impõe o máximo de restrições possível sobre a conduta de todos os demais. Quanto maior a minha margem de manobra, maior o meu poder. Quanto menos liberdade de escolha tenho, mais fracas são minhas chances na luta pelo poder. (BAUMAN, 2008, p. 47).

Aqui, o poder está relacionado às palavras dominação e liberdade. Trata-se de uma batalha para antever e, assim, impossibilitar os movimentos do outro. Em outras palavras, cria-se uma correspondência, de um lado, entre dominante e maior liberdade, e de outro, dominado e menor liberdade. Imobilidade para uns em nome da mobilidade para outros.

De acordo com Bauman, mudaram-se as condições de dominação e, logo, as de poder. A premissa do regulamento normativo de outrora fora rearranjada no mundo globalizado, ou seja, os que detêm mais poder caracterizam-se pela fugacidade de seus movimentos, enquanto que os que detêm menos permanecem quase que imóveis.

A imposição de normas e a execução de regulamentos normativos ataram os controladores e os controlados uns aos outros e os fizeram inseparáveis. Ambos os lados estavam, por assim dizer, presos ao solo: a reprodução da hierarquia de poder requeria presença e confrontação constantes. É essa dependência recíproca, esse compromisso mútuo e perpétuo, que as novas técnicas de poder que apareceram na era da globalização tornaram redundantes. A nova hierarquia de poder está marcada, no topo, pela capacidade de se mover com rapidez e sem aviso, e na base, pela incapacidade de diminuir a velocidade desses movimentos, que dirá pará-los, associada à sua própria imobilidade. Fuga e evasão, leveza e volatilidade, estas características substituíram a presença pesada e ameaçadora como técnica principal de dominação. (BAUMAN, 2008, p. 49).

Como se verificará mais profundamente nas próximas seções, pode-se aproximar o *Admirável Mundo Novo* da consideração colocada acima. Isto é, os dirigentes de tal sociedade movem-se de modo volátil: eles esquadrinham minuciosamente os meios pelos quais sujeitarão toda população ao servilismo hediondo. Os indivíduos, por sua vez, enraizados em seus espaços – estão condicionados desde a fecundação – não conseguem escapar aos mecanismos de poder e controle.

A termos de referenciação, é válido ressaltar que as reflexões de Zygmunt Bauman concentram-se, mais enfaticamente, no final do século XX até a contemporaneidade, enquanto que a obra de Huxley fora publicada em 1932. Apesar de estar compreendida em outra época, a narrativa *Admirável Mundo Novo* problematiza questões totalmente pertinentes às sociedades ocidentais da atualidade.

Dito de outra forma, podem-se elencar como complexificações contemporâneas questões relativas às práticas capitalistas de consumo, o uso desmedido dos fármacos, a exploração do sexo como entretenimento, dentre outras coisas. Tudo isso está posto em *Admirável Mundo Novo*. Portanto, vislumbrada dessa maneira, a distopia de Huxley ultrapassa os seus limites

temporais, podendo ser atualizada. Assim, no intuito de enriquecer as análises, far-se-á, sempre que necessária, a justaposição crítica entre o mundo contemporâneo globalizado e o Estado Mundial da narrativa aqui recuperada.

Retomando as questões sobre solidez e volatilidade, verificar-se-á que a globalização foi um dos palcos das mudanças ocorridas nos modos de vida em sociedade. Segundo as próprias definições de Bauman, poder-se-ia dizer de uma passagem das relações rígidas e sólidas para as voláteis e líquidas. Contudo, a liquidez não mantém uma ligação sinonímica com o conceito de liberdade, ou seja, essa nova condição impõe aos homens e mulheres multiplicidades de poderes, emergentes de inúmeras posições, ao contrário da relação unívoca e verticalizada das conexões sólidas.

Ainda de acordo com Zygmunt Bauman, sobreleva-se a questão do caráter efêmero das relações mantidas em todas as esferas sociais. Ou seja, a vida se caracteriza por um fluxo contínuo e maleável. “A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo.” (BAUMAN, 2009, p. 7).

Nesse sentido, o poder está agenciado à modernidade líquida, ambos em constante processo de mudança. Com isso, a fluidez dos vínculos sociais e políticos atualizam-se permanentemente, fato que impossibilita a estabilidade, o enrijecimento das circunstâncias permeadas pelo poder. Portanto, nessa perspectiva, o poder constitui-se como algo que está em jogo, sem lado definido.

Organizando-se como uma teia heterogênea de agenciamentos, o poder perpassa por todas as relações humanas, desde as mais cotidianas até aquelas de maior complexidade. Desse modo, sempre que se toma uma ação, ou deixa de fazê-la, “atinge-se” o outro, coloca-o, mesmo que indiretamente, sob uma gama de eventualidades.

Sobre isso, Bauman ressalta que:

Nós somos responsáveis pelo outro, estando atentos a isso ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto sobre a vida de todos, e tudo que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas. (BAUMAN, 2010, p. 75-76).

Adentrando mais profundamente na problemática do poder, Michel Foucault indicará que ele se encontra nas relações mais ínfimas, literalmente, em uma “Microfísica do poder”⁹. Dessa maneira, verificar-se-á que o poder não emana somente da relação governante/governado, mas vai além, transpassando também pelos embates governante/governante, governado/governado, bem como outras instâncias de poder.

Na introdução à *Microfísica do poder*, Roberto Machado, ao tratar dos estudos genealógicos de Foucault, salienta que:

O interessante da análise é justamente sugerir que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível. Daí a importante e polêmica ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que detêm o poder e de outro aqueles que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. (FOUCAULT, 2013, p. 17).¹⁰

Nessa perspectiva, é possível dizer que toda ação vincula em si, de alguma forma, o poder. É uma maquinaria que opera por intensidades singulares, agenciamentos específicos, alternações particulares, compondo, assim, o seu *modus operandi*. Logo, o poder só se faz existir nas situações, sem as quais não poderia ser verificado.

Com isso, cai por terra a noção de que o poder opera apenas como uma força repressiva. Sendo constituído nas mais diferentes posições da estrutura social, têm-se uma aleatoriedade e diversidade no que resulta das circunstâncias de poder. Dessa forma, o poder não tem somente um caráter negativo.

Portanto, de acordo com Foucault, o poder não apresenta unicamente uma pujança nociva,

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um

⁹ Referência à obra *Microfísica do Poder*, publicada em 1979, a qual reúne textos do filósofo Michel Foucault, organizados por Roberto Machado.

¹⁰ MACHADO, R. **Microfísica do poder**. In: FOUCAULT, M. Organização, Introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2013, cap. Introdução, p 7-34.

grande super ego, se apenas se exercesse de modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos no nível do desejo – como se começa a conhecer – e também no nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. Foi a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. (FOUCAULT, 2013, p. 238 – 239).

Nota-se aí a intrínseca relação entre poder e saber. Verificando, ao propor sua arqueologia, que existia uma descontinuidade entre os saberes, Foucault apontará que tal descontinuidade provém das relações de poder específicas de cada momento. Com isso, poder-se-á problematizar, inclusive, os discursos tidos como verdadeiros de uma época para a outra, analisando suas motivações políticas, econômicas, históricas, etc.

A respeito disso, ainda retomando Foucault, salientar-se-á que:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiras; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2013, p. 52).

Depreende-se disso, que o poder está arraigado a questões muito mais profundas que apenas às relações entre governantes e governados. Através do poder, afirma-se e contesta-se o mundo, valida-se ou não uma verdade. No entanto, é necessário notar que tal verdade provém de uma “prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 20).

Com isso, é possível aproximar a ideia de poder ao conceito filosófico de *Rizoma*, proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Isto é, o poder, assim como o rizoma é composto por linhas de segmentaridade – molar, molecular e de fuga –, as quais compreendem multiplicidades que se ligam e se conectam umas as outras de modo não linear. A linha molar ou dura compreende coisas mais localizáveis, uma macropolítica; a linha molecular, segundo Deleuze e

Guattari (1996, p. 68) faz referência “a relacionamentos menos localizáveis, sempre exteriores a eles mesmos”, micropolítica; por fim, a linha de fuga corresponde à ruptura no rizoma, isto é, sua desterritorialização.

Nesse sentido, as relações, nas quais o poder for agenciado, conterão as linhas do rizoma, uma vez que a sua natureza pressupõe tal especificidade. Com isso, poder-se-á pensar o poder em sua estratificação dura, maleável e de ruptura. De outro modo, refletir sobre os governantes e governados, as implicações mais ínfimas das relações sociais e dos indivíduos, e, finalmente, sobre a descontinuidade dos saberes.

Consoante a isso, Deleuze e Guattari explicitarão que:

Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra *molecular*. Se elas se distinguem, é porque não têm os mesmos termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade. Mas, se são inseparáveis, é porque coexistem, passam uma para a outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos ou em nós – mas sempre uma pressupondo a outra. Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo *macropolítica* e *micropolítica*. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 90).

Logo, quando se discute a questão do poder, faz-se essencial a sua consideração de maneira não homogênea. Como elencado acima, suas linhas de segmentaridade transpõem-se umas às outras, fazendo com que existam interferências entre elas. De outro modo, a macropolítica implica na micropolítica, e vice-versa, de maneira que as multiplicidades de ambas atuam conjuntamente.

Portanto, entender-se-á, nesta análise, o poder como rizoma, ou seja, como algo constituído de multiplicidades e sempre agenciável. Isso se justifica, uma vez que em *Admirável Mundo Novo* verificam-se, por exemplo, as linhas molares do poder através dos mecanismos de condicionamento – a fecundação *in vitro*, o *Soma*, os jogos ao ar livre, o sexo; as linhas moleculares – as lacunas discursivas, o não dito, a implicância da inadequação de certos personagens; e a linha de fuga – representada pelos personagens que não pertencem (Bernard, Helmholtz, Linda, John, O Selvagem), os quais se constituem como ruptura da constância dos mecanismos de controle e, portanto, poder.

3.1. A SOCIEDADE CAPITALISTA E SEUS ENGENDRAMENTOS

A contemporaneidade pressupõe um mundo globalizado e capitalista. Nessa perspectiva, as relações pessoais tornaram-se cada vez mais instáveis, desenraizadas, sem solidez. As fronteiras intransponíveis de outrora deixaram de existir. Assim, não é mais necessário percorrer grandes distâncias para se comunicar com alguém que está, geograficamente, longe, nem esperar a delonga das cartas que se enviava. Tudo isso, atualmente, resolve-se ao acessar as redes de comunicação instantâneas.

Acompanhando tal fluxo, é notável a influência dos movimentos econômicos no âmbito social. O mundo globalizado obedece, maiormente, à lógica capitalista, cuja essência baseia-se no consumo, na lei da oferta e da procura. Dessa forma, para que haja circulação econômica e geração de riquezas, faz-se necessária a efetuação do ciclo de produção-consumo.

Nesse sentido, para que a coerência econômica se mantenha é fundamental a manutenção ininterrupta de seus movimentos. Porém, para que isso aconteça, um enorme aparato estratégico é colocado em jogo, uma vez que o incentivo ao consumo não é suficiente, em outras palavras, é preciso condicionar os homens e mulheres a consumir. O condicionamento ao consumo tende a ganhar uma correspondência ao sentimento de felicidade, isto é, consumir torna as pessoas mais felizes.

Todavia, a felicidade advinda do consumo tem de ser instantânea, pois nas dinâmicas capitalistas nada pode ser sólido, durável, permanente. Contrariamente, tudo deve ser viscoso, descartável, efêmero, visto que as pessoas precisam consumir permanentemente. Sobre isso, Zygmunt Bauman salienta que o capitalismo é parasitário:

Sem meias palavras, o capitalismo é um sistema *parasitário*. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sobrevivência. (BAUMAN, 2010, p. 8 – 9).

Desse modo, é possível dizer que a sociedade pós-moderna é hospedeira do *parasita* capitalismo. Ou seja, para que este sistema sobreviva,

ele precisa do corpo social, pois este fornecerá o necessário para que aquele se perpetue. Com isso, os agenciamentos econômicos necessitam de avidez. Ainda de acordo com Bauman (2009, p. 36), “uma economia de consumo também deve ser uma economia de objetos de envelhecimento rápido, de obsolescência quase instantânea e veloz rotatividade. E assim, também, de excesso e desperdício”.

A partir disso, verifica-se que o capitalismo se constitui como uma força viciante, a qual demanda uma constância e insaciedade do espírito humano. A busca por bens, objetos e serviços não cessam, pois sempre que se obtém uma coisa, outra demanda surge. O contrário dessa situação implicaria a derrocada do capitalismo.

Bauman ressalta que:

o consumismo não se refere à *satisfação* dos desejos, mas da *incitação* do desejo por outros desejos sempre renovados – de preferência do tipo que não se pode em princípio saciar. Para o consumidor, um desejo satisfeito deve ser quase prazeroso e excitante quanto uma flor murcha ou uma garrafa de plástico vazia; para o mercado de consumo, um desejo satisfeito seria também o prenúncio de uma catástrofe iminente. O tipo de “consumidor ideal” que o mercado de consumo procura pode ser exemplificado por uma fábrica trabalhando a todo vapor 24 horas por dia, sete dias por semana, para garantir uma sucessão ininterrupta de desejos particulares de curta duração e altamente descartáveis. (BAUMAN, 2009, p. 120).

Considerando tal perspectiva, apontar-se-á que a mecânica do poder emergente da dinâmica capitalista abarcará os múltiplos estratos da sociedade. A malha do poder estará constituída de maneira inter-relacional e profunda, compreendendo macropolíticas e micropolíticas. Uma das forças motoras da política capitalista, as propagandas, e conseqüentemente suas implicações nas vidas das pessoas, ensejam a obscura – na verdade, nem sempre tão obscura – indução ao consumo.

Em *Regresso ao Admirável Mundo Novo*, Huxley coloca que a “filosofia nos ensina a ter dúvidas em relação às coisas que nos parecem evidentes por si mesmas. A propaganda, no extremo oposto, nos ensina a aceitar, como por si mesmo evidente, aquilo de que seria razoável duvidar ou que obscurece o nosso juízo”. (HUXLEY, 1959, p. 68).

Dessa maneira, pode-se afirmar que todos os indivíduos são condicionados, seja de maneira direta ou indireta, por esses meios de manipulação, os quais usam da persuasão para impelir um determinado público a consumir. Como já elencado anteriormente, geralmente a premissa do consumo está ligada à questão da felicidade. Felicidade fugidia, que se estende por poucos instantes.

Outro fator importante imbricado à teia de poder econômica diz respeito ao consumo irrefletido dos indivíduos. Nesse sentido, é importante que o consumo aconteça de maneira a não suscitar muita reflexão, ou de preferência nenhuma. Em *Admirável Mundo Novo*, tal questão é extremada. Numa crítica à sociedade precedente à de Ford, o Diretor de Incubação e Condicionamento enuncia: “A volta à cultura. Isso mesmo, à cultura. Não se pode consumir muita coisa lendo livros.” (HUXLEY, 2001, p. 84).

Na obra de Huxley, os indivíduos são condicionados a ter aversão a livros, pois são objetos que, primeiramente, demandam atitudes solitárias e, em segundo lugar, podem levar o homem ao pensamento crítico, decorrendo disso a desestabilização daquilo que está imposto. Logo, justifica-se, na narrativa, o condicionamento contra os livros, uma vez que um dos pressupostos da sociedade, representada em *Admirável Mundo Novo*, é a estabilidade social a qualquer preço.

Em contrapartida, o capitalismo não pode ser pensado simploriamente como algo negativo. Michel Foucault, ao tratar das relações de poder, analisa as implicaturas do capitalismo na sociedade. Em *A verdade e as formas jurídicas*, Foucault, ao discorrer sobre as *Instituições de sequestro*, sobreleva que:

o tempo do operário, não apenas o tempo de seu dia de trabalho, mas o de sua vida inteira, poderá efetivamente ser utilizado da melhor forma pelo aparelho de produção. É assim que sob a forma destas instituições aparentemente de proteção e de segurança se estabelece um mecanismo pelo qual o tempo inteiro da existência humana é posto à disposição de um mercado de trabalho e das exigências do trabalho. A extração da totalidade do tempo é a primeira função destas instituições de sequestro. Seria possível mostrar, igualmente, como nos países desenvolvidos este controle geral do tempo é exercido pelo mecanismo do consumo e da publicidade. (FOUCAULT, 2003a, p. 118).

Portanto, além do controle do tempo, as instituições de sequestro também controlaram o corpo do operário, ou seja, elas requerem a higiene do corpo – corpo forte, saudável, produtivo, etc. Utilizando-se de um poder de controle, as variadas instituições moldam os operários de modo que eles correspondam exatamente à atividade para a qual foram destinados.

Tangenciando a questão do capitalismo, do controle do indivíduo e do controle do corpo, Foucault apontará a questão da sexualidade como elemento fundamental para a constituição social. Assim,

[...] cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. (FOUCAULT, 1988, p. 27).

Operacionalizada, a sexualidade tornou-se objeto de exploração econômica. A mecânica de poder pertinente a essa questão foi transpassada pela lógica do consumismo. A sexualidade tornou-se ferramenta de condicionamento e distração, estando agenciada, *rizomaticamente*, às multiplicidades de incalculáveis funções.

Na narrativa *Admirável Mundo Novo*, tem-se a liberalização do sexo como fator para o condicionamento dos indivíduos, os quais são estimulados ao sexo desde a infância. Noutra crítica à sociedade antiga, o Diretor de Incubação e Condicionamento deixa entrever a instrumentalização econômica e política do sexo.

[...] – O que lhes vou contar, agora, poderá parecer inacreditável. Mas é que, quando não se conhece a História os fatos relativos ao passado, em geral, parecem mesmo incríveis.

Revelou a espantosa verdade. Durante um período muito longo antes de Nosso Ford, e até no decurso de algumas gerações ulteriores, os brinquedos eróticos entre as crianças eram considerados anormais (houve uma gargalhada); e não apenas anormais, mas realmente imorais (não!); e eram, portanto, rigorosamente reprimidos. (HUXLEY, 2001, p. 65).

Dessa forma, é notável que, na obra distópica de Huxley, a problematização da sexualidade é realizada de modo a inverter tal questão em relação à sociedade moderna. Partindo de um contexto real, no qual as

crianças são praticamente excluídas dos assuntos relacionados ao sexo, em *Admirável Mundo Novo*, verifica-se o oposto: as práticas sexuais são condicionadas e reforçadas precocemente.

No entanto, não se pode atribuir ao *Admirável Mundo Novo* o conceito de “vida-líquida” apresentado por Bauman, pois apesar de ser uma sociedade capitalista, que instiga o consumo, que permite que a sexualidade trabalhe a favor da economia, ela retira qualquer tipo de movimento libertário. Trata-se de um ciclo de produção-consumo, porém, tal ciclo é previsível, milimetricamente, estruturado.

3.2. INDIVÍDUO E SOCIEDADE: UMA RELAÇÃO DE PODER MÚTUO

A vida em sociedade sempre foi marcada pela tensa relação entre o indivíduo e o meio social ao qual ele pertence. Ao se pensar, por exemplo, nas sociedades monárquicas medievais, a questão da individualização era rarefeita, uma vez que o rei era a representação absoluta de todos, em outras palavras, a identidade única de uma nação. Em contraponto, na contemporaneidade, é verificável um processo de individualização extremada, a imposição do “eu” sobre o “nós”.

Dessa forma, evidenciou-se na sociedade pós-moderna a incessante busca pela diferenciação, pela ação que almeja delinear minuciosamente os limites do “eu” e do “outro”. Contudo, a demasiada especificidade do indivíduo acabou por isolá-lo com as demasiadas especificidades de seus problemas. Pensar numa perspectiva comum tornou-se difícil.

Sobre isso, Zygmunt Bauman ressalta que

O indivíduo é o pior inimigo do cidadão, sugeriu Tocqueville. Ele tende a ser indiferente, cético ou desconfiado em relação ao “bem comum”, à “sociedade boa ou justa”. Qual é o sentido de interesses *comuns* a não ser que eles deixem que cada indivíduo satisfaça seu *próprio* interesse? Qualquer outra coisa que os indivíduos possam fazer quando se juntam pressagia restrições à liberdade de perseguir o que consideram adequado para si e não ajudará em nada nessa busca. As duas únicas coisas úteis que se pode esperar e desejar do “poder público” é que defenda os “direitos humanos”, ou seja, deixar que todos sigam seu próprio caminho e permitir que todos façam isso em paz – resguardando a segurança do corpo e dos bens de uma pessoa, trancafiando

os criminosos em prisões e mantendo as ruas livres de ladrões, pervertidos, mendigos e intrusos maldosos e detestáveis. (BAUMAN, 2008, p. 67).

Nota-se, pois, o apontamento para duas perspectivas importantes: o indivíduo em relação a outros indivíduos, estabelecendo a rede de poder particular dos corpos, bem como o espectro do corpo social, que conglera as individualidades. Têm-se, portanto, microrrelações e macrorrelações; de outro modo, o poder funcionando como rizoma nas multiplicidades corporais.

Nesse sentido, pode-se pensar a respeito de como as intensidades de poder interferem e modificam as identidades dos sujeitos e, por consequência, suas individualidades. Tal questão leva a importante consideração de que os indivíduos, na sociedade pós-moderna, reorganizam constantemente o “eu”, visto que as relações se constituem pela volatilidade das circunstâncias.

Bauman assinala a proposição acima do seguinte modo:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos por toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17).

O corpo social, por sua vez, relaciona-se com as micropolíticas do corpo individual, sendo atravessado por – e atravessando – outras estruturas de poder. “Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda trama da sociedade” (FOUCAULT, 2013, p. 131). Dessarte, percebe-se a intrínseca permutação entre o indivíduo e a sociedade, um penetrando no outro continuamente em intensidades variadas.

No entanto, na obra de análise deste trabalho, *Admirável Mundo Novo*, é verificável que as relações entre os indivíduos, bem como destes com a sociedade, adquirem um caráter *sui generis*. Na superorganização da sociedade imaginada por Huxley, o poder e o controle acontecem de modos intensivamente sólidos, não havendo muitas possibilidades de escape daquilo que é pré-estabelecido.

Em um diálogo com o Selvagem, Mustafá Mond, um dos Administradores Mundiais, expõe o seguinte:

– Meu jovem amigo, a civilização não tem nenhuma necessidade de nobreza ou de heroísmo. Essas coisas são sintomas de incapacidade política. Numa sociedade convenientemente organizada como a nossa, ninguém tem oportunidade para ser nobre ou heróico. É preciso que as coisas se tornem profundamente instáveis para que tal oportunidade possa apresentar-se. Onde houver guerras, onde houver obrigações de fidelidade múltiplas e antagônicas, onde houver tentações a que se deva resistir, objetos de amor pelos quais se deva combater ou que seja preciso defender, aí, evidentemente, a nobreza e o heroísmo terão algum sentido. Mas não há guerras em nossos dias. Toma-se o maior cuidado em evitar amores extremados, seja por quem for. Não há nada que se assemelhe a obrigações de fidelidade antagônicas; todos são condicionados de tal modo que ninguém pode deixar de fazer o que deve. E o que se deve fazer é, em geral, tão agradável, deixa-se margem a tão grande número de impulsos naturais, que não há, verdadeiramente, tentações a que se deva resistir. E se alguma vez, por algum acaso infeliz, ocorrer de um modo ou de outro qualquer coisa de desagradável, bem, então há o *soma*, que permite uma fuga da realidade. (HUXLEY, 2001, p. 287).

Dessa maneira, confirma-se a questão de que as pessoas do *Admirável Mundo Novo* não interferiam de modo a modificar as estruturas daquela sociedade. Todos eram condicionados a manter o sistema organizacional invariável. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que quase não há individualidades nesta narrativa¹¹, pois o mais importante nela é a manutenção da estabilidade social, provinda, obviamente, da estabilidade individual.

Trata-se da supressão do “eu”, dos interesses particulares, da vontade própria. Tudo em *Admirável Mundo Novo* está em seu devido lugar e sem possibilidades de mudanças, isto é, a liberdade fora anulada pelo condicionamento disciplinar. É a sociedade na qual os sujeitos agem conforme foram subordinados, mas não sem amar essa subordinação.

Consoante a isso, Foucault explicitará que:

O momento histórico das disciplinas é um momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos,

¹¹A discussão sobre os personagens que se individualizaram será realizada no capítulo cinco.

de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. (FOUCAULT, 2010, p. 133)

Na narrativa de Huxley, observa-se a existência de uma política extraordinariamente complexa. O trabalho sobre o corpo acontece desde o momento da fecundação *in vitro*, isto é, se se precisa de operários para uma fábrica, produzem-se indivíduos totalmente compatíveis com esta demanda, expõem-se os fetos ao álcool – para retardar o seu desenvolvimento –, ao calor – para estimular a resistência nestas situações –, à escassez de oxigênio – para manter o embrião abaixo de seu desenvolvimento normal –, dentre outras coisas.

A maquinaria de poder, a qual Foucault faz referência, conduz à completa superorganização do *Admirável Mundo Novo*. É o corpo individual esquadrinhado, desarticulado e recomposto, intransponivelmente, pelo corpo social. Antes, é o corpo individual recomposto especificamente para se enquadrar – e não mudar mais – nas condições para as quais fora direcionado.

Contudo, é indispensável ressaltar que o direcionamento dos corpos, em *Admirável Mundo Novo*, não está subjugado à obtenção de riquezas, mas sim ao equilíbrio social. A respeito disso, Foucault (2013, p. 291) coloca que o mecanismo de poder “apoia-se mais nos corpos e seus atos do que na terra e seus produtos. É um mecanismo que permite extrair dos corpos tempo e trabalho mais do que bens e riqueza”.

4. COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE

A sociedade retratada em *Admirável Mundo Novo* está organizada segundo mecanismos de condicionamento social, os quais imputam aos sujeitos severas determinações. Em outras palavras, os engendramentos de controle e poder, na narrativa, objetivam não somente ordenar as ações das pessoas, mas também, e acima de tudo, garantir a estabilidade social. No intuito de aprofundar a análise de tais questões, especificar-se-ão, a seguir, as seguintes seções: *A divisão hierárquica das castas*; *Orgião-espadao*; *O Soma*.

4.1. A DIVISÃO HIERÁRQUICA DAS CASTAS

O romance *Admirável Mundo Novo* apresenta uma sociedade dividida em castas, na qual os indivíduos são segregados em grupos, têm suas tarefas determinadas e seus papéis sociais delimitados. Para tanto, as pessoas são produzidas, literalmente, em uma linha de produção e condicionadas para o convívio social. Tal questão, combinada a outros sistemas de controle, tornava esta sociedade previsível e, conseqüentemente, estável.

– Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas! – Sua voz estava quase trêmula de entusiasmo. – Sabe-se seguramente para onde se vai. Pela primeira vez na história. – Citou o lema planetário: – “Comunidade, Identidade, Estabilidade”. – Grandes palavras. – Se pudéssemos bokanovskizar indefinidamente, todo o problema estaria resolvido. (HUXLEY, 2001, p. 38).

A transcrição acima ilustra uma fala do Diretor de Incubação e Condicionamento de Londres Central. De acordo com o próprio Diretor, o Processo Bokanovsky era um dos principais instrumentos da estabilidade social, uma vez que permitia a germinação, proliferação e divisão de um mesmo óvulo diversas vezes. “Assim se consegue fazer crescerem noventa e seis seres humanos em lugar de um só, como no passado” (HUXLEY, 2001, p. 36).

Além disso, o controle e o planejamento do futuro eram garantidos por diferentes formas de condicionamento. Às classes mais baixas, destinavam-se os procedimentos de interferência desde os óvulos, os quais, em seus

desenvolvimentos, eram submetidos a repetidas interrupções, substâncias nocivas, dentre outros.

Relacionado a isso, o filósofo Michel Foucault coloca que:

em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas entretanto são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade, enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. (FOUCAULT, 2010, p. 132 – 133).

Poder-se-ia dizer que em *Admirável Mundo Novo* o corpo está tão apertado aos poderes que não há mobilidade para escapar do controle. Ao se produzirem *Gamas*, *Deltas* e *Ípsilons*, por exemplo, o trabalho era minucioso, uma vez que cada tipo social exigia um procedimento específico de condicionamento, resultando, assim, na determinação exata das ações de todos os indivíduos. Ademais, o que se reivindicava de cada casta era que elas fossem eficazes em seus movimentos, ou seja, que prestassem da melhor forma possível – e sem refletir o porquê – os serviços para os quais haviam sido predestinados.

Dessa maneira, as castas são subdivididas em cinco categorias: os *Alfas*, vestuário cor cinza, são considerados de casta alta, pois detêm alguns conhecimentos; os *Betas* também são considerados de casta alta, mas são possuidores de habilidades específicas para a realização de determinadas tarefas; os *Gamas*, vestuário cor verde, pertencem a uma casta baixa e são responsáveis pela mão de obra na sociedade; os *Deltas*, vestuário cor cáqui, pertencem à casta baixa e também são responsáveis pela mão de obra; e os

Ípsilons, vestuário cor preta, pertencem à casta mais baixa e realizam os serviços de menor exigência mental e maior exigência física.

A respeito da constituição social do livro, pensando sobre as relações de poder existentes entre as castas, recupera-se novamente Foucault:

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado (FOUCAULT, 2013, p. 369).

Ou seja, verifica-se que o poder em *Admirável Mundo Novo* não é exercido por uma casta específica sobre as demais, mas se dinamiza de forma horizontal; os sujeitos são centros de transmissão atravessados pelo poder. De outra forma, o poder é praticado nas relações mais pormenorizadas, de indivíduo para indivíduo, uma vez que são multilaterais as atitudes de coerção como quando, por exemplo, alguém age de modo heterodoxo ou apenas diferente do preestabelecido. Tanto é assim, que mesmo os *Alfas* e os *Betas*, membros de classes altas, não escapam aos procedimentos de condicionamento e controle.

A respeito disso, recupera-se a problematização feita por Foucault sobre o conceito do Panóptico, primeiramente, tratado por Bentham. Tal conceito diz respeito à sistemática criada para a observação e controle dos indivíduos. No *Admirável Mundo Novo* os indivíduos observam uns aos outros de modo que ninguém possa agir diferentemente daquilo que está pressuposto, daquilo que os incessantes condicionamentos martelaram em seus corpos e mentes.

Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. O Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder. (FOUCAULT, 2010, p. 192).

Ainda de acordo com Foucault (2013, p. 284), considerar-se-á que “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e

se exerce em rede”. Com isso, não se tem uma casta detentora de um poder supremo na narrativa de Huxley; todas as castas são essenciais à manutenção daquele sistema organizacional.

Numa das passagens do livro, a personagem Lenina relembra de uma das inúmeras lições hipnopédicas – indução durante o sono –, que deixa clara a complementaridade orgânica de todas as castas: “Cada um trabalha para todos. Não podemos prescindir de ninguém. Até os Ípsilons são úteis. Não poderíamos passar sem os Ípsilons. Cada um trabalha para todos. Não podemos prescindir de ninguém...” (HUXLEY, 2001, p. 109).

Nesse sentido, nota-se o agenciamento de poder que se estabelece entre as castas: para haver estabilidade, torna-se necessária uma precisa segregação social. Assim, percebemos que a teia de poder resultante dos mecanismos de controle coordena-se de modo complexo. O poder se faz presente na ação de todos os indivíduos de *Admirável Mundo Novo*, constituindo uma grande maquinaria que exige o funcionamento adequado de suas peças.

Assim, o mecanismo de controle de segregar a sociedade em castas predeterminadas opera de maneira fundamental em *Admirável Mundo Novo*. Os indivíduos são fabricados conforme as demandas do mundo, visto que o corpo social deve subsistir sempre independentemente das mudanças de suas células.

Exemplificando a questão da predestinação social, tem-se a seguinte passagem:

Túneis quentes alternavam-se com túneis resfriados. O resfriamento estava ligado ao desconforto sob a forma de raios X duros. Quando chegavam a ponto de serem decantados, os embriões tinham horror ao frio. Ficavam predestinados a emigrarem para os trópicos, a serem mineiros, tecedores de seda de acetato e operários de fundição. Mais tarde, seu espírito seria formado de maneira a confirmar as predisposições do corpo. (HUXLEY, 2001, p. 47).

Percebe-se que os métodos de condicionamento e controle são complementares uns aos outros. Nesse sentido, aos indivíduos, não são dadas possibilidades de eles serem diferentes aos direcionamentos originários de suas existências. De acordo com o Diretor de Incubação e Condicionamento, isso “é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos *obrigados* a

fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (HUXLEY, 2001, p. 47).

Com isso, os corpos dos indivíduos estão subordinados a uma vigilância peculiar e contínua. As ações diferentes, bem como o agir solitário sofrem coerções de ordem institucional e de indivíduo para indivíduo, os quais solicitam, uns aos outros, atitudes em coerência com suas castas.

Ao tratar da passagem da punição à vigilância, Foucault explicita sua compreensão de poder numa perspectiva micropolítica. Nas palavras do filósofo: “quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana.” (FOUCAULT, 2013, p. 215).

Desse modo, as sistemáticas de controle e cerceamento implicam, ao indivíduo do *Admirável Mundo Novo*, as restrições pertinentes às suas vidas. Contudo, os métodos de condicionamento do Estado Mundial partiam de uma perspectiva não punitiva. Ao contrário, todo o engendramento de controle parte de um panorama do reforço do comportamento desejável.

Fazendo um contraponto com *1984*, de George Orwell, Huxley coloca que o sucesso total do controle do comportamento humano adviria de processos não-violentos, ou seja, processos inversos aos que acontecem na sociedade do Grande Irmão. Sobre isso, Aldous Huxley coloca que:

o controle do comportamento indesejável através do castigo é menos eficaz, afinal de contas, do que o controle através do reforço do comportamento desejável mediante recompensas, e que o governo que lança mão do terror funciona, no conjunto, pior do que o governo baseado na condução não-violenta do ambiente e dos pensamentos e sentimentos dos homens, das mulheres e das crianças, como indivíduos. A punição sustém temporariamente o comportamento indesejável, porém não elimina definitivamente a tendência da vítima em sentir-se bem ao agir desse modo. Além disso, as consequências psicofísicas do castigo podem ser tão indesejáveis como as causas pelas quais um indivíduo foi castigado. (HUXLEY, 1959, p. 13).

Por conseguinte, poder-se-ia dizer que os mecanismos de controle, ao não partirem de uma base truculenta, levavam os indivíduos à alienante felicidade de existir. Conforme já mencionado, isso garantia a estabilidade da

sociedade sem que ninguém se opusesse à ordem social e, assim, a felicidade provinha justamente em desempenhar, cada um em sua esfera, as suas respectivas funções.

Nesse sentido, as incisivas interferências no desenvolvimento humano, bem como as práticas compensatórias de reafirmação do condicionamento engendram harmonia social. Nas palavras de Foucault (2013, p. 45), “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”.

Isto é, por mais desgastante que uma atividade pareça, no contexto do livro, existirão medidas compensatórias e prazerosas à subordinação dos indivíduos. Melhor dizendo, a submissão dos sujeitos é, de algum modo, atenuada por mecanismos que proporcionam euforia aos acorrentados.

4.2. ORGIÃO-ESPADÃO

A liberalização do sexo em *Admirável Mundo Novo* constitui-se como um exemplo de medida compensatória e de condicionamento das ações dos indivíduos. Aldous Huxley, no seu livro crítico *Regresso ao Admirável Mundo Novo*, coloca que as castas eram “enfraquecidas por livres e frequentes relações com o sexo oposto, constantemente distraídas pelo divertimento gratuito e incitadas a reproduzir os padrões de bom comportamento” (HUXLEY, 1959, p. 27).

Isto é, na narrativa de Huxley o sexo adquire a função de entreter as massas, pois os indivíduos precisavam de ocupações para o tempo fora do trabalho. No entanto, o sexo deveria ser mantido de modo coletivo, em outras palavras, a troca constante de pares para o ato sexual não era somente incentivada, mas uma premissa básica das relações daquela sociedade.

Num outro comparativo com a obra de Orwell, Huxley salienta que:

É importante notar que, em 1984, os membros do Partido eram compelidos a conformar-se a uma moral sexual de uma severidade mais do que puritana. No *Admirável Mundo Novo*, por outro lado, qualquer pessoa tem o direito de satisfazer seus desejos sem preconceito ou constrangimento. (HUXLEY, 1959, p. 42).

Isso leva a considerar que a questão da liberação do sexo, ilimitada e indistintamente, aprofunda a alienação dos indivíduos, uma vez que a repressão ao desejo sexual é quase que extinta da sociedade retratada pela obra. Assim, tendo implicações psíquicas e fisiológicas bastante singulares ao ser humano, o sexo é incentivado pelo sistema social, pois direciona e entretém toda população.

Bauman, ao discorrer sobre os usos do sexo na sociedade, recupera Foucault da seguinte maneira:

Em sua introdução à *História da sexualidade*, Michel Foucault argumentou de forma convincente que, em todas as suas manifestações, sejam aquelas conhecidas desde tempos imemoriais ou aquelas descobertas e nomeadas pela primeira vez, o sexo serviu à articulação de novos (modernos) mecanismos de poder e controle social. (BAUMAN, 2008, p. 291).

A partir disso, verifica-se que a liberalização do sexo, em *Admirável Mundo Novo*, corresponde à constatação foucaultiana de que ao sexo engendram-se mecanismos de poder e controle social. De outro modo, o sexo integra de forma basilar as sistemáticas de condicionamento na narrativa. Não obstante, a distração através do sexo é incentivada, como já mencionado anteriormente, desde muito cedo na vida dos indivíduos.

Consoante a isso, nota-se que a sexualidade é instrumentalizada na distopia de Huxley para alienar os indivíduos. Nesse sentido, Foucault (2003b, p. 98) considerará, em *A vontade de saber*, que “Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.”

Reforçando a ideia do sexo como instrumento de controle, salienta-se que a reprodução vivípara era condenada por todos em *Admirável Mundo Novo*. Ou seja, como os indivíduos formavam-se pela ectogênese¹², a procriação por meio do sexo era considerada abominável, obscena e deformadora do corpo.

Na visita que Bernard e Lenina fazem à reserva de selvagens, observa-se a reação repulsiva desta ao ver mães amamentando os seus bebês. Nesse

¹² Termo utilizado por Aldous Huxley em *Admirável Mundo Novo* (2001, p. 85) para fazer referência à gestação fora do corpo da mulher, isto é, a gestação em um útero artificial.

momento, a moça fica completamente abalada pelo que se passava diante de seus olhos, já que o intenso condicionamento pelo qual passara indicava que aquilo deveria ser considerado repugnante.

Não restava a Lenina se não afrontar, sem socorro exterior os horrores de Malpaís. Estes se abateram sobre ela, abundantes e rápidos. O espetáculo de duas moças dando o seio a seus bebês fê-la corar e virar o rosto. Nunca tinha visto, em toda sua vida, coisa tão indecente. (HUXLEY, 2001, p. 149).

A estabilidade e, conseqüentemente, a perpetuação da espécie humana foi garantida em *Admirável Mundo Novo* por um método artificial de gestação. A grande questão é que a constituição familiar tornara-se inconveniente, pois os laços, a cumplicidade, as brigas e os amores que se originavam entre mães, pais e filhos tornavam as pessoas instáveis, justamente, o que se buscava a todo custo suprimir daquela sociedade.

Isso implicará outro grande efeito de espelhamento com o mundo empírico: o desatrelamento da relação sexual como meio para se atingir a imortalidade através das gerações futuras. O antigo anseio humano é ressignificado na narrativa, de forma a reafirmar a operacionalização da sexualidade como mecanismo de controle coletivo e forma de obliteração dos anseios particulares de transcendência.

A termos de exemplificação é interessante a contraposição, explicitada por Michel Foucault, entre atividade sexual, morte e imortalidade. O filósofo francês afirma que:

Não é simplesmente no medo do dispêndio excessivo que a reflexão médica e filosófica associa a atividade sexual com a morte. Ela também as liga no próprio princípio da reprodução, na medida em que coloca como finalidade da procriação paliar o desaparecimento dos seres vivos e dar à espécie, tomada no seu conjunto, a eternidade que não pode ser concedida a cada indivíduo. Se os animais se unem na relação sexual, e se essa relação lhes dá descendentes, é para que a espécie – como é dito nas *Leis* – acompanhe sem fim a marcha do tempo: tal é a sua maneira própria de escapar à morte: ao deixar “os filhos dos filhos”, permanecendo a mesma, ela “participa, pela geração, da imortalidade”. (FOUCAULT, 2009, p. 168 – 169).

Como se percebe, a noção de reprodução é distorcida na narrativa, fazendo com que os indivíduos, pertencentes ao *Admirável Mundo Novo*,

refutassem totalmente as ideias de gestação e de constituição familiar. Dessa forma, a condenação ao método de concepção vivípara é plausível, quando levamos em consideração que as pessoas são afetadas pelos discursos que as atravessam.

Sobre isso, ainda de acordo com Foucault (2013, p. 279), “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.”

Em outras palavras, pode-se dizer que os indivíduos resultam dos discursos que os transpassam, mais especificamente, dos poderes vinculados nestes discursos. Dessa maneira, ao se pensar no romance em questão, verifica-se que a repulsa concernente à reprodução vivípara advém de um complexo escalonamento discursivo tido como verdadeiro.

4.3. O SOMA

A substância química denominada *Soma*, a qual era distribuída em larga escala no *Admirável Mundo Novo*, funcionava como reguladora do ânimo dos indivíduos, pois proporcionava efeitos amenizadores das situações de desconforto, estresse, dentre outras.

A respeito da importância da droga naquela sociedade, coloca-se que:

sempre haverá o *soma*, o delicioso *soma*, meio grama para um descanso de meio dia, um grama para um fim de semana, dois gramas para uma excursão ao esplêndido Oriente, três para uma sombria eternidade na Lua; de onde, ao retornarem, se encontrarão na outra margem do abismo, em segurança na terra firme das distrações e do trabalho cotidiano [...] (HUXLEY, 2005, p. 90).

Assim, o *Soma* constitui-se como um meio ao condicionamento das atitudes e, também, contribui para a manutenção do poder entre as relações sociais. Isto é, os seus efeitos são tão fortes que alienam os sujeitos, contribuindo para o completo esquecimento das circunstâncias da realidade imediata.

Segundo Huxley,

No *Admirável Mundo Novo*, o hábito de tomar Soma não era um vício privado; era uma instituição política, era a verdadeira essência da Vida, da Liberdade e da Busca da Felicidade garantidas pela Declaração de Direitos. Mas esse privilégio sumamente precioso e inalienável dos súditos era, da mesma forma, um dos mais poderosos instrumentos de domínio do arsenal do ditador. A dopagem sistemática dos indivíduos para benefício do Estado (e circunstancialmente, talvez, para o próprio prazer deles) era um elemento primordial da política dos Dominadores do Mundo. A dose diária de Soma era uma garantia contra a desadaptação pessoal, contra a agitação social e a divulgação de ideias subversivas. (HUXLEY, 1959, p. 104).

A droga tão essencial à sociedade criada por Huxley contribuía de maneira muito eficaz aos agenciamentos de poder e de controle social. Sendo o seu uso aconselhado em todas as situações, o *Soma* permitia o alívio das situações conflituosas, o esquecimento de si mesmo, enfim, a felicidade instantânea.

Recuperando a análise sobre a *Felicidade Artificial* que Ronald W. Dworkin faz a respeito da sociedade estadunidense, dir-se-á que:

As medicações antidepressivas têm o mesmo poder que o álcool para alterar a estrutura da mente das pessoas – envenenar a mente e amortecê-la para as influências da vida –, embora, diferentemente do álcool, elas tenham o apoio de uma instituição poderosa: a profissão médica. (DWORKIN, 2007, p. 19).

Voltando ao *Admirável Mundo Novo*, é válido ressaltar que a dopagem coletiva servia às finalidades impostas por tal sociedade. De modo algum aquela droga objetivava o bem comum das pessoas, tratando-se, antes, de uma ramificação poderosíssima de condicionamento utilizada pelo Estado Mundial. A estabilidade e imutabilidade de *Admirável Mundo Novo* são calcificadas pela substância química alienadora.

Fazendo um paralelo com o que Foucault coloca sobre a *Governamentalidade*¹³, perceber-se-á que os mecanismos de controle da narrativa de Huxley servem às demandas do governo. Assim, “Governar um Estado significará portanto estabelecer a economia no nível geral do Estado, isto é, ter em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos

¹³A governamentalidade é o título dado ao último capítulo de *Microfísica do Poder* (2013).

individuais e coletivos, uma forma de vigilância, de controle [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 413).

Portanto, a substância química *Soma* contribui para que as pessoas sejam totalmente previsíveis. Com isso, o governar em *Admirável Mundo Novo* torna-se mais fácil, uma vez que as variantes e os prováveis empecilhos são reduzidos significativamente nessa sociedade.

Conforme Huxley ressalta, “Além da particularidade de tranquilizar, alucinar e estimular, o *Soma* da minha ficção tinha a propriedade de aumentar a sugestionabilidade e, dessa maneira, podia ser empregado para alicerçar os efeitos da propaganda governamental.” (HUXLEY, 1959, p. 111). Dessa forma, os indivíduos ficavam presos a uma gama de mecanismos de controle sem, ao menos, poder refletir minimamente sobre as suas condições.

Com isso, percebe-se que o consumo de *Soma*, em *Admirável Mundo Novo*, não provém de um método violento e de imposição. A utilização da substância é sugerida nas lições quando se dorme, nos discursos das pessoas, nos lugares aonde se vai. Dessa maneira, o uso da droga torna-se natural, inerente aos hábitos sociais, enfim, constitui-se como algo cultural.

Segundo Foucault (2013, p. 278), “em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar [...]”. Nesse sentido, pode-se inferir que as relações de poder na sociedade controlada do *Admirável Mundo Novo* não poderiam sofrer mutações, uma vez que isso implicaria na mudança de inúmeras redes de poder e, portanto, impactaria na estabilidade do sistema.

5. RUPTURA DO CONTROLE E DO PODER

A sociedade do *Admirável Mundo Novo*, como já apontado neste trabalho, tem como premissa o total controle do indivíduo. Isso acontece porque o objetivo maior é sempre a estabilidade social, fato que implica aos componentes dessa sociedade a completa supressão de suas vontades, desejos e temperanças.

Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a organização social, da narrativa de Huxley, agencia-se de modo a anular as individualidades. Tanto é assim que há diversas passagens nas quais se destacam a importância da coletividade em detrimento das particularidades dos sujeitos, bem como da essencialidade da constância social.

No início da narrativa, durante a visita da turma de *Alfas* ao Centro de Incubação e Condicionamento, o Administrador Residente da Europa Ocidental, Mustafá Mond, coloca: “– Estabilidade – disse o Administrador. – Estabilidade. Não há civilização sem estabilidade social. Não há estabilidade social sem estabilidade individual.” (HUXLEY, 2001, p. 76). Com isso, percebe-se que em *Admirável Mundo Novo* a estabilidade social adveio, principalmente, da imobilização daquilo que deveria ser uma variante: o indivíduo.

Diante disso, como se verifica no decorrer do livro, a preocupação maior dos dirigentes do Estado Mundial era a manutenção da felicidade, ou seja, a felicidade era imposta a todos. No entanto, não se tratava de tornar a vida mais amena e/ou melhor, mas sim de transformar profundamente os indivíduos de modo que a felicidade resultasse exatamente da condição a qual estavam eternamente delimitados.

Ao tratar da questão da Felicidade Artificial, Ronald W. Dworkin explicita que:

O que caracteriza a Felicidade Artificial é seu poder de se opor à vida. Quando desfrutam da Felicidade Artificial, as pessoas conseguem não se sentir miseráveis mesmo quando a vida é miserável. Medem sua miséria em graus, durante uma experiência dolorosa de vida, sem nunca atingir o ponto de ebulição. Não importa o quanto as coisas fiquem mal, a Felicidade Artificial faz as pessoas sempre se sentirem bem; você jamais conseguirá incutir nelas o sentimento de total desesperança. (DWORKIN, 2007, p.12).

Apesar de Dworkin abordar em seu livro, maiormente, o contexto da sociedade norte-americana contemporânea, pode-se fazer a correlação com o *Admirável Mundo Novo* pelo fato de que a felicidade na narrativa é algo forjado. Como já elencado em capítulos anteriores, a felicidade é obtida (imposta) graças a uma grandiosa maquinaria de controle e condicionamento, que vai desde a concepção do embrião até a distribuição/consumo da substância química *Soma*.

No entanto, verifica-se que mesmo estando em um momento histórico de estabilidade, a sociedade do *Admirável Mundo Novo* ainda não havia conseguido atingir a integralidade em seus processos de constituição. Isso se justifica, por exemplo, na figura do protagonista Bernard Marx, que em razão de uma falha em seu processo de concepção, acaba por ter características físicas totalmente diferentes daquelas de sua casta.

5.1. BERNARD E HELMHOLTZ

A falha no processo de concepção de Bernard Marx faz com que ele desenvolva um sentimento de não-pertencimento ao meio social em que está inserido. Em outras palavras, Bernard acaba sendo excluído e, inclusive, estigmatizado pelas pessoas de sua convivência. Em contrapartida, o protagonista da narrativa toma para si uma conduta também hostil como forma de contrapor-se às insultuosas situações que vivenciava.

Bernard dava suas ordens no tom brusco, um pouco arrogante e até ofensivo de quem não está muito certo de sua superioridade. Ter de tratar com representantes das castas inferiores constituía sempre, para Bernard, uma experiência penosa. Porque, fosse qual fosse a causa (e era bem possível que os rumores a respeito do álcool em seu pseudo-sangue tivessem fundamento - pois, apesar de tudo, acidentes como esse aconteciam), o físico de Bernard não era muito melhor que o de um Gama típico. Ele era oito centímetros menor do que a estatura normal dos Alfas e era proporcionalmente delgado. O contato com os membros das castas inferiores lembrava-lhe sempre, dolorosamente, essa insuficiência física. “Eu sou eu, e bem quisera não o ser”; o sentimento do eu era nele intenso e aflitivo. (HUXLEY, 2001, p. 98-99).

Dentre outras questões, nota-se, nessa passagem, a alusão feita aos rumores de que fora adicionado álcool ao pseudo-sangue de Bernard. Tais

rumores não ganham uma constatação definitiva na narrativa, contudo, é válido retomar que ainda havia algumas falhas em certos processos do *Admirável Mundo Novo*.

Assim, a trajetória de Bernard Marx desenvolve-se por sua conflituosa exclusão das relações sociais, visto que ele não conseguia ocupar efetivamente o *lôcus* de um *Alfa-Mais*. Enquanto era convencional aos *Alfas* manterem relações com variadas mulheres, Marx, por estar aquém dos padrões estipulados, tinha enormes dificuldades em marcar encontros.

Além disso, a convivência com outros *Alfas* lhe inculcia a convicção de que ele era inferior aos seus pares, isto é, uma reafirmação constante do seu não-enquadramento. As pessoas do convívio de Bernard sempre o tratavam de maneira desdenhosa através de comentários, risos, sátiras, dentre outras coisas. Com isso, a fim de amenizar tais eventos, Bernard mergulha, cada vez mais, em seu *Eu* por meio de uma introspecção que o exclui e o afasta.

Desse modo, na passagem a seguir, verificam-se explicitamente tais questões:

Na verdade, um leve preconceito hipnopédico em relação à estatura era universal. Daí o riso das mulheres a quem ele fazia propostas, as peças que lhe pregavam os homens de sua classe. A zombaria fazia com que se sentisse um pária e, sentindo-se um pária, portava-se como tal, o que fortalecia a prevenção contra ele e intensificava o desprezo e a hostilidade que seus defeitos físicos despertavam. Isso, por sua vez, aumentava o sentimento de exclusão e solidão. Um temor crônico de ser desdenhado fazia-o evitar seus pares, fazia-o ostentar diante de seus inferiores uma atitude de arrogância e de egocentrismo. (HUXLEY, 2001, p. 99).

Além disso, é notável o movimento que Bernard faz ao manter características identitárias próprias como, por exemplo, não consumir o *Soma*. Em outras palavras, o protagonista do romance refuta a homogeneidade comportamental a que fora condicionado, mantendo, inclusive, certa criticidade aos processos de poder e controle daquela sociedade.

Nesse sentido, Evanir Pavloski explicita que:

[...] ou o indivíduo aceita o perfil identitário que lhe é destinado, mesmo que essa concordância se sustente apenas na esfera pública, ou é afastado de suas relações sociais pelo próprio grupo, repreendido e, possivelmente,

exilado. É justamente esta a situação na qual o protagonista Bernard Marx se encontra. Suas excentricidades, ainda que vistas como exóticas por algumas personagens, tornam sua existência solitária e vazia, uma vez que ele não consegue se integrar à homogeneidade do meio. A solidão e a instabilidade se tornam, assim, seus traços mais distintivos. (PAVLOSKI, 2012, p. 173).

Embora mantivesse um pensamento ácido em relação ao meio em que vivia, sobressalta-se que Bernard o tinha como uma espécie de defesa de si mesmo, algo que reconfortasse a sua situação. Ou seja, ele precisava acreditar que era medíocre o modo como as inter-relações aconteciam em *Admirável Mundo Novo*. Entretanto, vinculava-se em sua pretensiosa crítica uma grandiosa vontade de pertencer.

Tanto é assim, que quando Bernard traz John, O Selvagem ao *Admirável Mundo Novo*, aquele se torna bastante requisitado por intermediar o contato do “selvagem” com os outros integrantes daquela sociedade. Ainda de acordo com Pavloski (2012, p. 195), “A partir deste momento, a solidão e o sentimento de rejeição da personagem se transformam em uma satisfação crescente pelo tipo de atenção que passa a lhe ser dedicada”.

A partir disso, salienta-se que os mecanismos de poder e controle que atravessam Bernard estão em movimento, isto é, não são estáticos. Primeiramente, cita-se a questão do seu descondicionamento fazendo com que a teia de poderes sobre ele se organizasse de maneira particular. Ou seja, a grande maioria dos métodos de condicionamento – a droga, o sexo e os jogos ao ar livre – são refutados pelo protagonista.

Em segundo lugar, mas não menos importante, explicita-se a circunstância em que Bernard passa a se sentir inserido no meio social – em razão da amizade com John, O Selvagem –, deixando transparecer certa arrogância em suas atitudes. Nesse momento, o poder modifica-se em relação a sua representatividade, dando a ele uma posição de superioridade.

Consoante a isso, Michel Foucault, ao problematizar a questão de que o poder não está imóvel, coloca que:

[...] seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que instâncias, frequentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em

determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui. (FOUCAULT, 2013, p. 138).

Com isso, verifica-se que as instâncias de poder que perpassam Bernard não se constituem linearmente. Há uma ruptura nos agenciamentos de poder e controle, uma vez que o modo como o poder interfere em sua vida é totalmente diferente do que a regularidade experienciada pelos seus semelhantes. Em outras palavras, a maquinaria de poder organiza-se de maneira diferenciada, pois Bernard não encontra o seu lugar na coletividade.

Outro personagem que rompe com as delimitações de seu condicionamento é Helmholtz Watson. Tal personagem era um típico *Alfa-Mais*, bem formado, inteligente e socialmente ativo. Ele era professor do Colégio de Engenharia Emocional, bem como atuava como Engenheiro em Emoção, isto é, escrevia para uma rádio, compunha cenários para filmes e criava versinhos hipnopédicos.

Diferentemente de Bernard, Helmholtz adquirira sua criticidade por ser demasiadamente inteligente. Sendo um homem das letras, sentia que deveria escrever algo além das coisas vazias que seu trabalho exigia. Através disso, verifica-se a ruptura no condicionamento do Engenheiro em Emoção, uma vez que tendo uma consciência crítica de sua sociedade, opta por não mais fazer parte da grande massa alienada.

Sim, um pouco competente demais; eles tinham razão. Um excesso mental produzira em Helmholtz Watson efeitos muito parecidos com os que, em Bernard Marx, resultavam de um defeito físico. A insuficiência óssea e muscular tinha isolado Bernard de seus semelhantes, e o sentimento de ser assim um indivíduo à parte era considerado, segundo os padrões correntes, um excesso mental, o qual, por sua vez, provocava um afastamento mais acentuado. A Helmholtz, o que lhe dava tão penosa consciência de si mesmo, e de estar totalmente só, era um excesso de capacidade. O que esses dois homens tinham em comum era a consciência de serem individualidades. (HUXLEY, 2001, p. 101).

Nesse sentido, Bernard Marx e Helmholtz Watson acabam aproximando-se um do outro por saberem, justamente, que eles eram diferentes dos demais. Com isso, a individualidade de Helmholtz fazia com que ele realmente

analisasse o contexto em que estava inserido, fato que apontava, por exemplo, para sua constatação de que as diversas relações sexuais serviam apenas como distratores da consciência social.

Desse modo, a trajetória de Helmholtz culminará na sala do Administrador Mundial, Mustafá Mond, com o qual acerta seu destino de exílio. Contrariamente a Bernard, Watson não somente quer exilar-se, mas também acredita que esta era a única forma de conseguir dar vazão àquilo que sentia. De outra forma, o exílio lhe daria a oportunidade de superar, maiormente, seu condicionamento.

Consoante a isso, Evanir Pavloski coloca que:

É importante salientar ainda que, contrariamente ao protagonista, Helmholtz não apenas aceita o exílio, mas também percebe nesse distanciamento uma oportunidade para desenvolver suas capacidades intelectuais e artísticas. Em última análise, o personagem deseja o oposto de Bernard, ou seja, escapar da integração ao corpo social. Esse ponto de vista é expresso e aparentemente compartilhado pelo dirigente mundial Mustafá Mond. (PAVLOSKI, 2012, p. 199).

Assim, é notável que as instâncias de controle e poder, às quais o amigo de Bernard estava sujeito, agenciavam-se com intensidades diferentes sobre ele. Isto é, o sexo, o *Soma* e as convencionalidades sociais foram transpassadas por sua intelectualidade. No entanto, conseguir apreender o mundo para além das amarras do condicionamento não significava ter o melhor de tal mundo. Antes, tratava-se detê-lo com todos os seus defeitos e todas as suas qualidades.

Dessa maneira, recuperando Foucault, poder-se-ia dizer que:

[...] o querer-saber não se aproxima de uma verdade universal; não dá ao homem um exato e sereno controle da natureza; ao contrário, não cessa de multiplicar os riscos; sempre faz nascer os perigos; abate as proteções ilusórias; desfaz a unidade do sujeito; libera nele tudo o que se obstina a dissociá-lo e a destruí-lo. (FOUCAULT, 2013, p. 84).

A partir disso, constata-se a dicotomia existente entre Bernard Marx e Helmholtz Watson. Ambos desenvolvem um excedente de visão, aquele devido a um problema de má formação, enquanto que este por uma excessiva inteligência. Contudo, Helmholtz opta por não querer pertencer, opta por seu

desenvolvimento intelectual e artístico. Já Bernard quisera, antes de qualquer coisa, fazer parte da coletividade.

5.2. PERSPECTIVAS DE DOIS MUNDOS: LINDA E JOHN, O SELVAGEM

Na distopia de Aldous Huxley desvelam-se duas diferentes territorialidades, ou seja, a sociedade higienizada e estável de Londres Central e a reserva retrógrada do Novo México, também chamada de reserva dos selvagens. Esses dois distintos territórios contrapõem-se no decorrer da narrativa por meio das movimentações advindas, maiormente, dos personagens Bernard, Helmholtz, Linda e John, O Selvagem.

A sociedade de Ford, como explicitada nos capítulos anteriores, constitui-se por uma sistematização organizacional que lhe confere estabilidade. Dentre as coisas que são colocadas como vantagens desse território, têm-se a inexistência de doenças, da velhice, da infelicidade; em outras palavras, as moléstias foram totalmente superadas, chegava-se aos sessenta anos com a vitalidade de uma pessoa jovem e para a infelicidade havia a droga perfeita: o *Soma*.

Adversamente a isso, em Malpaís – reserva dos selvagens – verifica-se uma sociedade apartada do novo mundo por uma tela metálica de alta tensão. Nesse lugar, a organização social remetia a tempos antigos, isto é, as crianças mamavam nos seios de suas mães, a concepção era feita por meios vivíparos, as doenças eram normalidades e a velhice, em todos os seus aspectos, era vivenciada.

No entanto, poder-se-ia dizer que algumas instâncias de poder e controle se assemelham nestas sociedades. Uma das questões mais relevantes está relacionada ao radicalismo constitutivo de cada uma dessas organizações sociais. Se por um lado verifica-se na sociedade de Ford a total imobilidade de escolha do indivíduo, por outro, em Malpaís cita-se a violência despendida nos rituais. “Forma-se, dessa maneira, uma polarização entre os dois espaços representados no romance, sendo que a nenhum desses extremos a noção de sociedade modelar poderia ser pacificamente aplicada.” (PAVLOSKI, 2012, p. 225).

A reserva dos selvagens é focalizada, inicialmente, pelos olhares de Bernard e Lenina, os quais buscavam uma viagem diferente, bem como um momento para ficarem juntos. Porém, enquanto Bernard mantém seu pensamento heterodoxo, não se espantando com a realidade de Malpaís, Lenina horroriza-se com aquilo que se plantava diante de seus olhos.

Desse modo, mesma aterrada pelas adversidades do local onde se encontrava, Lenina acompanha Bernard pela reserva. Os dois acabam por conhecer John, O Selvagem que os leva, posteriormente, ao encontro de Linda. A mulher, que pertencera à sociedade “civilizada”, era, na verdade, mãe do Selvagem.

Linda delineia em sua trajetória outro tipo de problemática em relação ao não-pertencimento. Em uma excursão que fizera com Tomakin, o Diretor do Centro de Incubação e Condicionamento, Linda em detrimento de um acidente que sofrera na reserva, perde-se de sua companhia. Sendo encontrada bastante machucada, a mãe de John não consegue contatar o Diretor, o qual, por sua vez, acreditando que ela havia morrido, vai embora daquele lugar.

Sem conseguir manter corretamente os métodos de contracepção, Linda não consegue impedir a gestação de John. Totalmente desolada pela gravidez e por não se enquadrar no modo de vida de Malpaís, a Beta acaba por ser hostilizada pelas mulheres daquele lugar. A liberação total do sexo não era algo da realidade da reserva.

Cada um pertence a todos, não é? Não é? – insistiu, puxando a manga de Lenina. Esta, virando a cabeça, fez um sinal afirmativo, expirou o ar que havia retido e conseguiu inspirar um relativamente puro. – Pois bem, aqui – prosseguiu a outra – ninguém pode pertencer a mais de uma pessoa. E se a gente procede como de costume, os outros acham isso imoral e anti-social. A gente é odiada e desprezada. Uma vez, estiveram aqui umas quantas mulheres e me fizeram uma cena porque os homens vinham me visitar. E por que não? E depois se atiraram sobre mim... (HUXLEY, 2001, p. 159-160).

A partir disso, verifica-se a conflituosa diferença de condicionamentos entre os dois territórios. Em outros termos, nota-se que o discurso sobre a sexualidade, na sociedade de Ford, abrangia questões demasiadamente contrárias às de Malpaís. Naquele lugar, os indivíduos deveriam manter

relações sexuais variadas, enquanto que neste, a monogamia é colocada como regra.

Não perdendo todo o seu condicionamento, a mãe do Selvagem fica alocada num entre-lugar, visto que não pertencia mais ao novo mundo, nem à reserva. Nesse sentido, constata-se que os discursos tidos como “verdadeiros” estão impregnados nas atitudes dos indivíduos. Isso torna possível a dicotomia de costumes experienciada por Linda.

De acordo com Foucault (2013, p. 346), “Vivemos em uma sociedade que, em grande parte, marcha ‘ao compasso da verdade’ – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade [...]”. Nesse sentido, cada uma das organizações sociais, através de seus agenciamentos de poder e controle, validarão alguns discursos e refutarão outros.

Por fim, quando volta ao *Admirável Mundo Novo*, Linda não consegue se readaptar, pois havia adquirido peso demais, bem como envelhecera. Para esquecer sua velha/nova condição, a mãe de John emerge em uma fuga sem fim de si mesma por meio da substância química *Soma*.

John, O Selvagem, por sua vez, complementa a gama de personagens em que os mecanismos de poder e controle agenciam-se de forma não linear, mas sim rizomática. Isso acontece porque ele não é aceito pelo corpo social de Malpaís, ficando a parte dos rituais e cerimônias tradicionalmente realizadas neste lugar. Contudo, ao ir para o *Admirável Mundo Novo*, John sofre novamente, uma vez que lá é tratado como um animal exótico.

Depois da morte de sua mãe e totalmente desiludido com a sociedade “civilizada”, John coloca-se a protestar. Sendo rapidamente contido pela polícia, o filho de Linda é levado diretamente ao Gabinete do Administrador Mundial, Mustafá Mond, com o qual mantém um longo diálogo. Nesse diálogo o Administrador explicita várias particularidades daquela sociedade.

Primeiramente, John surpreende-se pelo fato de Mond reconhecer suas referências a Shakespeare. Poder-se-ia dizer que há uma problematização sobre a literatura clássica; isto é, apesar de despertar a sensibilidade, a criticidade e aguçar os sentimentos, a leitura de Shakespeare era totalmente irrelevante e indesejada aos indivíduos do *Admirável Mundo Novo*. Isso se verifica, pois os sujeitos desta sociedade precisavam apenas desempenhar com técnicas adequadas as suas funções.

Em segundo lugar, como resultado do diálogo com o Administrador, O Selvagem reclama o direito de ser infeliz. Tentando isolar-se do novo mundo, John retira-se da cidade para poder redimir-se consigo mesmo. Todavia, o filho de Linda é achado, inicialmente, por um repórter e, depois, inúmeras pessoas vão ao seu encontro. Não suportando a falta de liberdade, o pensamento em Lenina e impulsionado pela descrença na humanidade, John, O Selvagem suicida-se ao final da narrativa.

Recuperando Foucault, dir-se-á que:

uma das primeiras coisas a compreender é que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado, em um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados. (FOUCAULT, 2013, p. 240).

Portanto, ao analisarem-se as trajetórias de Linda e John, verifica-se que eles não estão sujeitos apenas às macropolíticas do Estado. Ao contrário, os dois personagens sentem intensamente os agenciamentos de poder no nível do indivíduo, nas micropolíticas. Em outras palavras, os micropoderes das relações imediatas imputarão a estes personagens a impossibilidade de modificar o modo como as sociedades organizavam-se.

CONSIDERAÇÕES

Os diferentes contextos de recepção de um texto literário sempre demandam leituras que se atualizam e dialogam. Nesse sentido, ao propor-se a discussão de uma narrativa de 1932, busca-se potencializar as multiplicidades de agenciamentos de tal narrativa. Em outras palavras, trata-se de dar relevância à herança de produção discursiva sobre a obra, mas também de refletir a respeito do texto como construção estética fundamental às relações humanas.

Nesse sentido, a discussão proposta neste trabalho sobre a obra *Admirável Mundo Novo* buscou a proposição de uma releitura, a qual, por sua vez, criasse pontes com a contemporaneidade. Assim, o romance de Aldous Huxley se sobrepõe não somente pelo seu imensurável valor artístico, como também pela relevância e atualidade de sua crítica. A respeito disso, poder-se-ia dizer que Huxley prevê inúmeras problemáticas relativas à época atual, como, por exemplo, a irracionalidade do consumo na sociedade capitalista, a dopagem metódica da coletividade através dos fármacos, a segregação dos indivíduos em castas (classes econômicas), dentre outras questões.

Relacionado a isso, Pavloski coloca que:

A estrutura social de *Admirável mundo novo* não se consolida pelo estabelecimento de um novo sistema, mas pela evolução de mecanismos coercitivos já existentes então, os quais se apresentam melhor adaptados para a concretização de uma utopia centrada no consumismo, no controle individual e na divisão de classes. (PAVLOSKI, 2012, p. 102).

Assim, buscou-se nesta pesquisa analisar de que modo os mecanismos agenciadores das relações de poder e controle estão confluídos em *Admirável Mundo Novo*. Ou seja, sabendo-se que as questões relativas ao poder e ao controle colocam-se de maneira central na narrativa, o presente trabalho propôs uma reflexão sistêmica sobre as inter-relações das macro e micropolíticas do poder.

Apoiando-se, primeiramente, na ideia de que o *Admirável Mundo Novo* trata-se de uma distopia capitalista, verifica-se que todos os mecanismos de coerção, na narrativa, corroboram direta ou indiretamente para a manutenção desse sistema. Com isso, como uma das premissas dessa sociedade era a

estabilidade, é notável a derrocada da vontade humana em virtude da constância do social. Dessa maneira, poder-se-ia dizer que os indivíduos da narrativa de Huxley são pequenas peças – descartáveis – de uma grande maquinaria chamada coletividade e, portanto, objetos de controle.

Nessa perspectiva, Foucault coloca que:

É assim que os indivíduos sobre os quais se exerce poder ou são aquilo a partir de que se vai extrair o saber que eles próprios formaram e que será retranscrito e acumulado segundo novas normas, ou são objetos de um saber que permitirá também novas formas de controle (FOUCAULT, 2003a, p. 122).

Dessarte, poder-se-ia dizer que a sociedade do *Admirável Mundo Novo* é objeto dos saberes sobre os métodos de concepção, condicionamento através do *Soma* e da hipnopedia, da sexualidade, do consumismo, etc. Sendo objeto desses saberes, os indivíduos estarão sujeitos às formas de controle que desses saberes emanam.

No entanto, sabendo-se que o poder não é algo unilateral e atribuível a uma única pessoa, fez-se necessário a análise das micropolíticas relativas ao poder, isto é, a verificação do poder e do controle nos estratos individuais. Em outros termos, a investigação do micropoder nas esferas individuais – discussão do capítulo 5 – permitiu afirmar que o poder e o controle funcionam rizomaticamente e não numa perspectiva linear.

Com isso, verificar-se-á que da obra *Admirável Mundo Novo* emergem alguns questionamentos, pois, como explicitado acima, o poder se exerce em cadeia e nunca está fixado em um ponto exclusivo. Dentre outras questões, coloca-se: até que ponto abdicar de liberdade conduz a um estado de progresso? Ou melhor, há progresso sem liberdade?

Obviamente, a resposta aos questionamentos não é fornecida pela narrativa, mas sim tais questões são problematizadas. Ao se pensar em uma sociedade em que não exista velhice e nem moléstias, atribuímos qualidade de progresso. Contudo, na análise em questão, o preço por tais avanços é contraposto na falta de escolha por meio da predestinação social e pelo forte condicionamento.

Desse modo, qualquer que seja a escolha do indivíduo, para que ela seja o mais consciente possível, é necessário que se passe pelo crivo dos

mecanismos de poder. Ou seja, coloca-se como essencial o mapeamento das relações de poder constitutivas dos sistemas sociais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Capitalismo Parasitário**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

_____. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Vida Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BERLIN, Isaiah. **Limites da Utopia**: capítulos da história das ideias. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **A ficção distópica de Huxley e Orwell**. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

COELHO, Neto, José Teixeira. **O que é Utopia**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2º Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DWORKIN, Ronald W. **Felicidade Artificial**. Tradução de Paulo Anthero S. Barbosa. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

_____. **Mil Platôs:Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3; tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

ELLIOT, Robert, C. **The Shape of Utopia**. Chicago: The University of Chicago, 1970.

FERREIRA, Vera Lúcia. **Utopia a força do sonho**. São José dos Campos: Univap, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003a.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003b.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos saberes**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização, Introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2013.

_____. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2001.

_____. **A situação humana**. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. **O despertar do mundo novo.** Tradução de M. Judith Martins. São Paulo: Livraria Editora Ltda, 1937.

_____. **Regresso ao Admirável Mundo Novo.** Tradução de Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Livraria Editora Ltda, 1959.

ISER, W. In. LIMA, Luiz Costa (org). **A literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. São Paulo: Paz e terra, 2002.

MORE, Thomas. **Utopia.** Tradução de Anah de Melo Franco. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

ORWELL, George. **1984.** São Paulo: Editora Nacional, 2003.

PAVLOSKI, Evanir. **1984: a distopia do indivíduo sob controle.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

_____. **Admirável Mundo Novo e A Ilha:** inter-relações dos sistemas de entre o pesadelo e o idílio utópico. 2012.

PLATÃO. **A República.** Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2008.

SZACHI, Jerzy. **As utopias ou a felicidade imaginada.** Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1972.